

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

# O DIREITO DE NASCER



SERGIO LIMA  
VINTAGENS

**MANOEL D'ALMEIDA FILHO**



# **O DIREITO DE NASCER**

Direitos adquiridos e registrado de acôrdo com a lei na  
Biblioteca Nacional



RUA IPANEMA, 772 — FONE: 92-7613  
SAO PAULO-6

CADASTRO DE CONTRIBUINTES  
60.856.994

O DIREITO DE NASCER



Há anos lemos e ouvimos  
Uma afamada novela  
Que semana após semana  
Desfilou na passarela,  
Diante da multidão,  
Conquistando a clientela.

Passou centenas de vezes  
Em rádio e televisão,  
No teatro e no cinema,  
Causando grande emoção,  
E continua passando,  
Correndo tôda a nação.

Mas para quem não ouviu  
Nem teve o prazer de ler,  
Nem o ensejo de assistir,  
Nem a ventura de ver:  
— Vamos descrever em verso:  
“O Direito de Nascer”.

É um passado bem distante,  
Do tempo da escravidão,  
Dos fidalgos orgulhosos  
Que só criam no brasão  
Do falado “sangue azul”,  
No ouro e na tradição.

Naquele tempo as famílias  
Eram tradicionais,  
Quando tinham sangue azul,  
Muitas terras e animais,  
Escravos para o trabalho,  
Palácios e tudo o mais...

Essas famílias fidalgas  
Diziam até por capricho:  
— Quem não possui sangue  
[azul,  
Não é cristão, é um bicho  
Sem nenhum valor humano,  
Pode ser pôsto no lixo.

Não eram todos porém  
Era a grande maioria  
Que orgulhosa mantinha  
Essa mesma teoria,  
Contra às idéias bondosas  
Da pequena minoria.

Enquanto isso, existia,  
Respeitando a tradição,  
Em Santiago de Cuba,  
Um fidalgo de brasão,  
Dom Rafael do Juncal,  
Rico e de mau coração.

Era tão compenetrado,  
Pelo sangue azul interno  
Que, talvez, pelos brasões,  
Abandonasse o Eterno,  
Para ir mais satisfeito  
Com êles para o inferno!

Isso o leitor há de ver  
Como êsse velho orgulhoso  
Por capricho não se importa  
De se tornar criminoso  
Para evitar o que chama  
Um pecado monstruoso!

Dom Rafael do Juncal  
 No seu palacete tinha  
 Duas filhas e a espôsa,  
 Maria Helena e Dorinha,  
 Dora Conceição que era  
 A verdadeira rainha.

Entre as criadas havia  
 A negra de confiança,  
 Era Maria Dolores  
 Limonta, uma esperança,  
 No caminho da virtude,  
 Que só quem é justo alcança.

Apesar das tradições,  
 Naqueles tempos feudais,  
 Haviam famílias nobres  
 Que se tornavam rivais  
 Dando lugar ao orgulho  
 Praticar crimes fatais.

Foi isso o que aconteceu  
 No palácio dos Juncal  
 Que na família Martins  
 Tinha uma forte rival,  
 Foi quando o orgulho abriu  
 A negra porta do mal.

Maria Helena, a mais velha  
 Das filhas do Rafael,  
 Era uma santa em pessoa  
 Sobre um doirado painel,  
 Como pintada a propósito  
 Pelo mais hábil pineel.

Ainda muito criança,  
 Sem nenhuma experiência,  
 Namorou-se de um rapaz,  
 Despido de consciência,  
 Mau, orgulhoso e ingrato,  
 Inimigo da decência.

O namôro foi oculto,  
 Com encontros nos jardins  
 Onde ela foi seduzida  
 Por Dom Alfredo Martins  
 Que fêz isso por vingança  
 Com seus desalmados fins.

Maria Helena se vendo  
 Em estado interessante,  
 Falou com o seu amado  
 Que respondeu arrogante:  
 — O que eu tenho a ver com  
 [isso?  
 Para mim é humilhante!

Isso não, não quero filho,  
 O que fôr possível faça  
 Com tôdas as suas fôrças,  
 Lute para que não nasça  
 O filho da tempestade,  
 Enquanto essa nuvem passa.

Ponderou Maria Helena:  
 — Confiei no seu valor,  
 Tenho no meu ventre um  
 [filho,  
 O fruto do nosso amor,  
 Que como um botão de rosa  
 Quer desabrochar em flor.

Vá logo ao meu pai e peça,  
 Com tôda a dignidade,  
 Minha mão em casamento,  
 Salvando a paternidade  
 Do nosso filho inocente  
 Perante a sociedade.

— Isso nunca, êsse menino,  
 Êle não deve nascer,  
 Eu não posso me casar  
 Para não me arrepender,  
 Meu pai me deserdaria  
 Quando viesse a saber.

— Canalha sem compostura,  
Reagiu Maria Helena,  
Desalmado sem caráter,  
Que nem de um filho tem  
[pena,  
Quem nega o dever da honra,  
À própria alma condena!

No jardim da casa grande,  
Esse drama se passava  
Dona Conceição da porta -  
Ouvindo que alguém falava  
Alterado foi olhar,  
Saber do que se tratava.

Qual não foi sua surpresa  
Quando já perto foi vendo  
Maria Helena chorando  
E um homem sair correndo,  
Aproximou-se da filha  
Com o sangue lhe fervendo.

Falou séria para a filha:  
— Responda quem era aquêlê?  
Maria Helena tremeu,  
Vendo um apêrto daquele,  
Disse apenas: — Um canalha,  
É só este o nome dêle!

Nisso Maria Dolores  
Nessa hora intercedeu,  
Abraçou Maria Helena,  
Dona Conceição cedeu,  
Enquanto Alfredo Martins  
Longe desapareceu.

Em pranto Maria Helena  
Foi por Maria Dolores  
Levada para o seu quarto,  
Entre os maiores clamores,  
Onde disse p'ra preta velha  
O quadro das suas dores.

Maria Helena pensando  
No que devia fazer  
Para evitar o escândalo,  
Que podia acontecer,  
Achou que o melhor remédio  
Era o filho não nascer.

Foi ao médico da família,  
No maior constrangimento,  
A quem contou a verdade  
Do seu grande sofrimento,  
Pedindo que êle evitasse  
Do seu filho o nascimento.

O doutor surpreendido  
Recusou-se a cometer  
Aquêlê crime horroroso  
Para evitar de nascer  
Uma vida que já tinha  
O direito de viver!

E disse p'ra Maria Helena:  
— Isso é uso dos ateus,  
Cumpra os deveres de mãe,  
Deixe-me cumprir os meus,  
A mãe que assassina um filho  
Não terá perdão de Deus!

A mulher cumpre na terra  
A lei da maternidade,  
Por onde se torna santa  
Diante da humanidade,  
Crescendo e multiplicando  
É, Amor e Caridade.

Cumpra com a sua missão,  
Succeda o que suceder,  
Tenha coragem, até morra,  
Se fôr preciso morrer,  
Porém não prive ao seu filho  
O direito de nascer.

As palavras do doutor  
Foram águdos punhais,  
Abrindo em Maria Helena  
Feridas sentimentais  
Despertando em sua alma  
Os instintos maternais.

Voltou triste e pensativa,  
Como quem não mais vivia,  
Internou-se no seu quarto,  
Chorava de noite a dia,  
O motivo do seu pranto  
Sòmente a negra sabia.

Porém dona Conceição,  
Alguma coisa cismando,  
Foi ao quarto da filha  
Onde encontrou-a chorando,  
Perguntou muito nervosa  
O que estava se passando.

Respondeu Maria Helena:  
— Não tenho nada, estou bem,  
Então, dona Conceição  
Olhou-a e disse: — Porém  
Vou mandar chamar o médico  
Que dirá o que você tem.

Maria Helena assustou-se,  
Como quem perdia o gôsto,  
A palidez cadavérica  
Estamponou-se no seu rosto,  
Parecendo fulminada  
Pelo punhal do desgôsto.

E banhada em pranto disse:  
— Nada tenho, já falei,  
Se mandar chamar o médico  
Eu me suicidarei  
Para acabar com a questão  
Com minhas mãos morrerai!

Terminando essas palavras  
Todo o sangue lhe faltou,  
Com o corpo em convulsões,  
Nos braços da mãe tombou,  
Dona Conceição aflita  
A Dom Rafael chamou.

No grito, Dom Rafael  
Atendeu logo o chamado,  
Dentro de poucos minutos  
O doutor era chegado  
E o corpo inerte da môça  
Foi depressa examinado.

Terminando o doutor disse:  
— A môça está muito bem,  
No meu consultório eu digo  
De onde a doença vem,  
Respondeu Dom Rafael:  
— Diga logo o que ela tem!

Dessa maneira o doutor,  
Com rigorosa cautela,  
Chamou-o a um canto e disse:  
— Tenha cuidado com ela,  
Sua filha vai ser mãe,  
É essa a doença dela...

Essas palavras soaram  
Como o som de um vendaval,  
Seguido de tiroteios,  
Dando a explosão fatal  
Nos miolos do orgulhoso  
Dom Rafael do Juncal.

O fidalgo perguntou,  
Como quem perde a razão:  
— O que foi que o senhor

[disse,

Repita a confirmação?  
O doutor disse: — A verdade,  
Quer o senhor queira, quer

[não.

Nisso o doutor despediu-se,  
Saiu e Dom Rafael  
Ficou bebendo, uma a uma,  
Naquele instante cruel,  
As gotas do seu orgulho  
Mais amargas do que fel.

Dali saiu mastigando  
O seu tremendo rancor,  
Foi para o quarto da filha,  
Disse com todo furor:  
— Responda, Maria Helena,  
Quem é o seu sedutor?

Quero que fale a verdade,  
Quem é o pai da criança,  
Que desonrou esta casa  
E abusou da confiança  
De um fidalgo que o orgulho  
Clama pedindo vingança!

A jovem falou altiva:  
— Jamais direi quem é êle,  
Prefiro antes a morte  
A um covarde daquele,  
Um canalha refinado,  
Eis aí o nome dêle!

Dom Rafael insistiu:  
— Perguntou mais uma vez,  
Diga quem é o bandido,  
Porque em menos de um mês,  
Hei-de fazê-lo casar-se  
Ou morrer pelo que fêz.

Respirou Maria Helena:  
— Sei que o senhor não me  
[come,  
Já disse — prefiro a morte,  
Mesmo de sede ou de fome,  
Do que daquele canalha  
Eu lhe revelar o nome!

Com isso o velho ficou  
Qual uma fera acuada,  
Maria Helena em seu quarto  
Permaneceu internada,  
Não recebendo ninguém,  
Sem querer saber de nada.

Dorinha ainda pequena,  
Como criança não pensa,  
Amava a Maria Helena  
E sabendo da doença,  
Quis entrar no quarto dela  
Porém não teve licença.

Mas de vez em quando ia  
A mãe perguntar por ela  
E numa dessas perguntas,  
Pensando somente nela,  
Disse que Alfredo Martins  
Era o namorado dela.

Aquela notícia foi,  
Para dona Conceição,  
Igualmente a uma bomba  
Quando dá a explosão,  
Sentiu tôdas as metralhas  
Dentro do seu coração.

Sabendo que a filha era  
Amante de um infiel,  
Inimigo da família,  
Quis ir a Dom Rafael  
E pedir para ajudá-la  
Beber a taça de fel.

Porém temendo o escândalo,  
Depois de muito pensar,  
Foi a Alfredo Martins,  
Com um apêlo tentar,  
Para ver se êle queria  
Sua falta reparar.

Chegando lá encontrou-o  
 Sòzinho naquela hora,  
 Nem mandou-a se sentar,  
 Disse: — Fale sem demora,  
 A que veio à minha casa,  
 O que deseja a senhora?

Dona Conceição que ia  
 Falar com um eriminoso,  
 Lhe disse em poucas palavras  
 Do seu ato escandaloso,  
 Pedindo o seu cumprimento  
 Como consciencioso:

— O senhor veja o que fêz  
 E o que pode acontecer,  
 Case-se com a minha filha  
 Para não se arrepender,  
 Faça abafar um escândalo,  
 Cumpra com o seu dever.

Falou Alfredo Martins:  
 — A senhora veio errada,  
 Nada devo à sua filha,  
 Se ela está prejudicada,  
 Que se arruma, porque foi  
 Únicamente a culpada.

Se eu falasse em casamento,  
 Meu pai não accitaria,  
 Negaria os meus direitos,  
 Logo me deserdaria  
 E como eu sem ter dinheiro,  
 Deserdado, viveria?

Logo agora quando estou,  
 Já de malas arrumadas,  
 Pronto para viajar,  
 E com essas palhaçadas  
 A senhora e sua filha  
 Ficam escandalizadas!

Portanto a senhora deve  
 Ficar calada e feliz,  
 Se falar será pior  
 Porque tudo quanto eu fiz,  
 Não tive nenhuma culpa,  
 Foi sua filha quem quis.

Dona Conceição falou,  
 Em estado de loucura:  
 — Bem que a minha filha  
 [disse,  
 Dentro da sua amargura,  
 Que o senhor era um canalha,  
 Covarde, sem compostura!

Mas fique certo bandido  
 Que a mão de Deus se levanta  
 E fará com que as lágrimas  
 Dos olhos daquela santa,  
 Sirvam de gotas de fel  
 Descendo em sua garganta.

Alfredo disse: — Ameaças  
 Não turvam os dias meus,  
 Vou partir para a Espanha,  
 Pode ficar com o seu Deus,  
 Desocupe a minha casa,  
 Seja feliz, dê-me adeus.

Dona Conceição voltou,  
 Dando o caso por perdido,  
 Contou a Dom Rafael  
 Tudo que tinha sabido,  
 A tentativa que fêz  
 E a recusa do bandido.

Dom Rafael quando soube  
 Foi logo à Maria Helena  
 E disse: — Filha maldita  
 De você não tenho pena,  
 Tôdas as suas ações  
 O meu orgulho condena.

Esse bastardo maldito  
Tem que desaparecer,  
Para encobrir o escândalo,  
De qualquer forma morrer,  
Filho do crime não tem  
O direito de nascer.

Maria Helena que tinha  
No coração despertado  
Todo o instinto de mãe,  
Disse: — Eu sei o meu pecado,  
Morrerei porém meu filho  
Não será eliminado.

Dom Rafael quando ouviu  
Da filha essa decisão  
Chamou a espôsa e foram  
Para um canto da mansão  
Discutir ponto por ponto  
Acertando a solução.

Conversaram e combinaram,  
Diante do sucedido,  
Que a filha fôsse levada  
A um lugar bem escondido  
Para que Dorinha nunca  
Soubesse do acontecido.

Lá ela daria a luz,  
Depois do parto seria  
A criança liquidada,  
Ninguém de cá saberia,  
E depois Maria Helena  
Como môça voltaria.

Tudo certo e discutido,  
Resolveram de uma vez  
Degredar Maria Helena,  
Na maior insensatez,  
Antes que alguém visse nela  
Sintomas de gravidez.

O lugar determinado  
Era Palma Soriano,  
Uma fazenda distante,  
Um deserto desumano,  
Onde a filha cumpriria  
O castigo mais tirano.

Com poucos dias partiu  
Maria Helena, coitada,  
Foi por Maria Dolores  
E o seu pai acompanhada,  
Dona Conceição ficou  
Com a alma despedaçada.

Durante a longa viagem,  
Maria Helena sofreu  
As maiores agonias,  
Na carruagem gemeu,  
Sòmente por um milagre  
No caminho não morreu.

Lá em Palma Soriano,  
A comitiva chegada,  
O capataz foi chamado  
E uma ordem foi dada  
Para que fôsse cumprida  
A risca sem faltar nada.

Dom Rafael disse a Bruno  
Que a filha ali ficaria,  
Por uns tempos e só êle  
Do segredo saberia,  
E ninguém sem sua ordem  
Dela se aproximaria.

Como dona da fazenda,  
Dom Rafael ordenava,  
O que quisesse era feito,  
Bruno não se recusava,  
Por isso foi sabedor  
De tudo que se passava.

O capataz ficou certo  
Do plano como seria,  
Também disse à sua espôsa  
O perigo que corria  
"Bater a língua nos dentes"  
Poís quem falasse morria.

Ficou acertado que  
Quando a criança nascesse,  
Bruno mandava dizer  
Que lá ninguém percebesse  
O segredo, para que  
Todo o plano acontecesse...

Dom Rafael despediu-se,  
Sem ter pena dos clamores  
Da filha banhada em lágrimas  
Nas mais cruciantes dores  
Entregue ao próprio destino  
Junto à Maria Dolores.

Assim ficaram sofrendo  
Como duas criminosas  
Na cadeia do destino  
Sôbre as ondas procelosas  
Do oceano da vida  
Em noites tempestuosas.

Enquanto as duas sofriam,  
O calendário avançava  
Pelo caminho do tempo,  
Um instante não parava  
E o navio proibido  
Do pôrto se aproximava.

Maria Helena dizia:  
— O meu filho vai nascer,  
Temo por êle e por mim  
Porque não posso saber,  
Nem adivinhar ao menos,  
O que meu pai quer fazer.

Porém Maria Dolores  
Dizia compadecida:  
— Tenha fé na Santa Virgem,  
Por quem será defendida,  
Que por você e seu filho  
Darei minha própria vida.

Enquanto Dom Rafael  
Tinha na mente a vingança,  
Só esperava o momento  
Quando nascesse a criança  
Para ir com o seu orgulho  
Executar a matança.

Até que uma certa noite  
Nasceu um lindo menino  
Que seria de hora em diante  
A espada do destino  
Cortando tôdas as tramas  
Do seu suposto assassino.

Nascida a criança foi  
Dom Rafael avisado  
Por Bruno, o seu capataz,  
Como ficou combinado,  
No menor prazo possível  
O fidalgo era chegado.

Maria Dolores vendo  
O patrão chegar inquieto,  
Lhe disse: — Seja bem vindo  
À sombra do nosso teto,  
Para alegrar sua alma  
Venha ver seu lindo neto.

Dom Rafael respondeu:  
— Neto do diabo, meu não!  
Êsse maldito bastardo  
Não terá o meu perdão,  
Preciso da sua ajuda  
Numa espinhosa missão.

— Pronto, patrão, disse a  
[negra,

Diga o que devo fazer,  
Dom Rafael disse logo:

— Faça desaparecer  
Essa criança maldita  
Antes do dia amanhecer.

Terá sua independência,  
Se cumprir essa missão,  
Eu a farei muito rica,  
Livre e dona de milhão  
Mas a negra horrorizada,  
Respondeu: — Nunca, patrão!

Jamais um desgosto dêsse  
Farei à minha menina,  
Procure outra, eu nunca!  
Não tenho a alma ferina,  
Nem todo o ouro do mundo  
Fará de mim assassina!

Patrão, um peccado dêsse  
Faz o Sol no Céu tremer,  
Liquidar um inocente  
Que não devia nascer,  
Porém como nasceu tem  
O direito de viver.

Dom Rafael quando viu  
Que o plano tinha falhado,  
Foi à procura de Bruno  
Com quem havia acertado,  
Pedindo-lhe o cumprimento  
Do “serviço” combinado.

Porém Bruno arrependido,  
Cabisbaixo, respondeu:  
— Patrão, também tenho  
[filhos,

Tenha dó do servo seu,  
Para mim seria o mesmo  
Que matar um filho meu.

Dom Rafael disse irado:

— Não me seja traçoeiro,  
Ninguém saberá de nada,  
Lhe dou um sítio e dinheiro  
Onde você viverá  
Sendo um rico fazendeiro.

Se recusar o “trabalho”  
Daqui eu posso expulsá-lo  
E para o lugar que fôr,  
Boto gente a vigiá-lo,  
Abrindo o “bico”, já sabe,  
Uma bala irá matá-lo.

Com essa ameaça, Bruno  
Sentiu a carne tremer,  
Disse: — Eu aceito a oferta,  
Vive quem pode viver,  
O senhor manda, patrão,  
O menino vai morrer!

No quarto, Maria Helena  
Como uma louca chorava,  
O seu coração de mãe  
Parece que lhe avisava  
Que o seu pai naquela hora  
O maior crime tramava.

Sentiu um pressentimento  
Que não pôde esclarecer,  
Pediu à negra Dolores  
Para ao filho proteger,  
Pensando que qualquer coisa  
Poderia acontecer.

Maria Helena dormiu  
Porém Dolores ficou  
Vigiando e, num cochilo,  
Não viu quando Bruno entrou  
E carregou o menino  
Mas a preta despertou.

Olhou, não vendo a criança,  
Correu e, já no salão,  
Alcançou Bruno e pegou-o,  
Cheia de indignação,  
Dizendo: — Solta o menino,  
Bruto, assassino, ladrão!

Bruno respondeu: — Não  
[grite,  
Que nada tenho a fazer,  
Cumpro a ordem do patrão,  
Já ganhei para viver  
Um sítio e muito dinheiro,  
Faço assim o meu dever.

Maria Dolores disse:  
— Não tem ser assassino  
E depois ter o castigo  
Pelo braço do Divino?  
Bruno disse: — Tem razão,  
E lhe entregou o menino.

Maria Helena acordou-se,  
Quando Dolores entrava,  
Muito espantada ficou,  
Vendo que o filho chorava,  
Porém a preta lhe disse  
Que ao menino acalentava.

Enquanto Dom Rafael,  
Com a consciência torta,  
Pensava que àquela hora  
A criança estava morta,  
Ouvindo o choro no quarto  
Foi sutil até à porta.

Porém Maria Dolores,  
Como quem lê o destino,  
Interpelou ao patrão  
Que com olhar de assassino  
Tentava entrar parecendo  
Querer matar o menino:

— Para onde o senhor vai?  
Responda o que quer fazer!  
— Esse maldito bastardo  
Tem que desaparecer,  
Calar a voz para sempre,  
Para não me aborrecer!

— Já sei, patrão, não há jeito,  
Ninguém pode convencê-lo,  
Se o menino o incomoda,  
Eu mesma posso fazê-lo  
Desaparecer que nunca  
Mais o senhor possa vê-lo!

Com isso, Dom Rafael  
Viu uma estrêla brilhar  
E disse: — Negra, até que  
Pôde raciocionar,  
Quando fizer o "serviço",  
Tem mil pesos a ganhar!

Porém Dolores lhe disse:  
— É muito pouco, patrão,  
Eu faço por três mil pesos,  
Para não haver questão,  
Só executo o "trabalho",  
Com o dinheiro na mão.

Mas Dom Rafael pensava,  
No seu cruel desatino,  
Que Dolores ia mesmo  
Assassinar o menino,  
Coitado, como caiu  
Numa trama do destino!

O dinheiro recebido,  
A preta determinou-se,  
Assim que Maria Helena  
Para descansar deitou-se,  
Ela agarrou o menino,  
De mundo afora largou-se.

Já longe, na noite escura,  
Sentiu-se desfalecida,  
Viu a fôlha de um punhal  
Ameaçando-lhe a vida,  
Era Bruno que a intimava  
Com o instinto de homicida!

— Negra maldita do diabo,  
Diga qual é seu roteiro,  
Conduzindo este bastardo  
Para eu não ser fazendeiro,  
Impedindo que eu receba  
O meu sítio e o meu dinheiro?

Se vai matar o menino,  
Quem essa ordem lhe deu?  
Para cumprir meu contrato,  
Quem vai matá-lo sou eu,  
E você morre também,  
Porque o negócio é meu!

Porém Maria Dolores  
Caiu de joelhos no chão,  
Disse: — Bruno, piedade,  
Pela Virgem do Sião,  
Pelo Cálice, pela Hóstia,  
Pela Sagrada Paixão!!!

Este menino inocente,  
Juro que não vou matá-lo,  
Vou fugindo dessa forma  
Somente para salvá-lo  
Do ódio do seu avô  
Que só quer eliminá-lo.

Ouvindo a verdade foi  
Que Bruno se convenceu,  
Diante do juramento,  
A fúria toda perdeu,  
Pedindo perdão à Virgem,  
De tudo se arrependeu.

Disse: — Ali tem meu cavalo,  
Monte nêle com o menino,  
Chegando na vila entregue-o  
Ao meu primo Marcelino,  
E Deus acompanhe seus passos  
Nas veredas do destino.

Dolores agradeceu,  
Montou-se, seguiu viagem,  
Com a criança no colo,  
Como quem leva uma imagem,  
Até que chegou à vila,  
Cheia de fé e coragem.

Cumpriu a ordem de Bruno,  
Devolvendo o seu cavalo,  
Com o menino chorando  
Sem ter jeito de calá-lo,  
Sentou-se numa calçada  
Com o fim de acalentá-lo.

Nisso vem uma senhora  
E vendo a criança em pranto,  
Perguntou logo por que  
Era que chorava tanto?  
Respondeu a negra: — É fome  
Que está sentindo o meu santo!

Duma doença epidêmica  
A mãe dêle faleceu,  
Para salvar o seu filho  
Antes de morrer me deu,  
Ficou comigo no mundo,  
Hoje a mãe que tem sou eu!

A mulher mandou Dolores  
Com o garotinho entrar,  
Deu leite para a criança,  
Para a preta um bom jantar,  
Era Dom Pepe Rodrigues  
O dono dêsse solar.

Dom Pepe quando chegou,  
Como homem caridoso,  
Sabendo daquela história,  
Ficou muito curioso,  
Se tornando um proleto  
Daquele anjo formoso.

Maria Dolores disse  
Que queria viajar  
Para a cidade de Havana  
Onde pensava morar,  
Dom Pepe prontificou-se  
Ajudá-la a se mudar.

Porém antes convidou-a  
Para ir com o menino  
Passar na sua fazenda  
Uns tempos em trato fino,  
Depois de mais descansada  
Tomaria o seu destino.

Dias antes da viagem,  
Com muito amor e carinho  
Foi batizado o menino,  
Dom Pepe foi o padrinho,  
Que teve o nome de Alberto  
Porém chamado Albertinho.

Era Albertinho Limonta,  
Sobrenome de Dolores,  
Agora vamos deixá-lo  
Bem longe dos dissabores  
E vermos Maria Helena  
Como vai com suas dores.

Maria Helena acordando,  
Quase que enlouqueceu,  
Não vendo o filho no bêrço,  
Abriu a porta e correu  
Chamando a negra Dolores,  
Quando o pai lhe apareceu.

Maria Helena fitou-o,  
Dizendo: — Eu quero morrer!  
Dom Rafael respondeu:  
— Eu nada tenho a fazer  
Porque o que aconteceu  
Era para acontecer...

O filho do seu pecado  
Que deu tanto prejuízo,  
Maria Dolores fêz  
Tudo o que era preciso,  
Desapareceu com êle,  
Até dia de juízo.

Tenha calma e paciência  
Porque tudo o que foi feito  
Foi só em seu benefício,  
Para evitar o efeito  
Da vergonha e do escândalo  
Que arrazavam seu conceito.

Maria Helena gritava,  
Como quem quer se vingar,  
Dizendo: — Eu quero meu  
[filho  
Que o senhor mandou matar,  
O avô que mata um neto  
Nem Deus pode o perdoar!

Dom Rafael respondeu:  
— Você não sabe o que diz,  
Foi para salvar seu nome  
Fudo isso quanto eu fiz,  
Defendendo-a do escândalo,  
Agora vai ser feliz...

Maria Helena gritou:  
— O senhor é um homicida,  
Destruiu a minha carne,  
O meu sangue, a minha vida!  
Não se cura um ferimento  
Abrindo mais a ferida!

Dom Rafael já estava  
 Por demais indignado,  
 Pegou a filha dizendo:  
 — Tudo ficou liquidado,  
 Vamos voltar para casa  
 Sem falar mais no passado.

Assim voltaram, porém  
 Enquanto o tempo passava,  
 Trancada em seu aposento,  
 Maria Helena chorava,  
 Não recebia visitas,  
 Com nada se conformava.

Por fim Dom Rafael teve  
 Uma idéia positiva,  
 Disse à dona Conceição:  
 — Vá, faça uma tentativa  
 Para salvar nossa filha,  
 Precisamos dela viva.

Diga-lhe que nós queremos  
 Mostrá-la à sociedade,  
 Como que convalescente  
 Duma grande enfermidade,  
 Para que possa surgir  
 A sua felicidade.

Daremos um grande baile,  
 Com um banquete a rigor,  
 Tudo em sua homenagem,  
 Para mostrar seu valor,  
 Quando talvez ela encontre  
 O seu verdadeiro amor.

Quando dona Conceição  
 Disse à sua filha o plano,  
 Ela repeliu chorando,  
 Com o maior desengano,  
 Dizendo: — Esse sacrifício  
 Para mim é desumano!

Como pode uma infeliz,  
 Com a alma apunhalada,  
 Ir dançar, mostrar-se em  
 [público,  
 Beber, fazer palhaçada,  
 Fazer-se alegre mentindo,  
 Como quem não sofre nada?

Não, mamãe, eu jamais faço  
 Tão ridículo papel  
 Fico em meu quarto trancada  
 Tragando a taça de fel,  
 Mexida pelo destino,  
 Dado por Dom Rafael.

Não tenho alegria quando  
 Penso em meu filho querido,  
 Arrancado dos meus braços,  
 Para longe conduzido,  
 Não sei se é vivo ou morto,  
 Talvez já tenha morrido!

Porém dona Conceição  
 A esperança não perdeu,  
 Fêz diversas tentativas  
 Até que a convenceu,  
 Como mãe, com seu carinho,  
 Lutou, lutou mas venceu!

No dia da grande festa,  
 Maria Helena sorrindo,  
 Cheia de jóias caríssimas,  
 Num vestido muito lindo  
 Se parecia com um anjo  
 Caído do Monte Pindo.

Enquanto os lábios sorriam,  
 O seu coração chorava,  
 Daquela festividade  
 Muito pouco lhe agradava,  
 Para chorar suas mágoas,  
 Do público se ocultava.

É num recanto escondido  
Foi que Dom Jorge Luís  
Encontrou-a muito triste  
Parecendo uma infeliz,  
O môço então perguntou  
Se ela não era feliz.

Se naquela grande festa  
Ela era a homenageada,  
Por que fugia do público  
Para não ser cortejada,  
Quando tinha no seu rosto  
A beleza de uma fada?

Maria Helena espantou-se,  
Ouvindo a voz do rapaz,  
Levantou os olhos tristes,  
Como quem procura a paz  
E pensou com seus botões:  
— É um anjo ou um satanás?

Dom Jorge Luís Belmonte,  
Uma grande sumidade,  
Fidalgo, rico e bonito,  
No viço da mocidade,  
Brilhou nos olhos da môça  
Como o "Sol da Liberdade".

Numa fração de segundo,  
Parecendo eletrizados,  
Os dois jovens se olharam,  
Vencidos, apaixonados,  
Como num sonho, até que,  
Eufim, foram despertados.

Quando era executada  
A valsa da despedida,  
Jorge Luís convidou-a  
Para dançar, em seguida,  
Ela deu-lhe o abraço como  
Quem toma uma nova vida.

Depois da valsa trocaram  
No jardim eternas juras  
De amor com beijos ardentes,  
Um vendaval de loucuras,  
Que para Maria Helena  
Só ficaram as amarguras.

Dom Jorge se despediu,  
Depois da festa acabada,  
Perguntando se podia  
Voltar àquela morada,  
A sua pergunta teve  
Resposta positivada.

Dom Rafael do Juncal  
Com todo o seu preconceito,  
Vendo o namôro da filha,  
Ficou muito satisfeito,  
Pensando consigo mesmo:  
A coisa agora tem jeito.

Chamou a filha dizendo:  
— Você precisa pegar  
Esse "pato" pelo pé  
E com êle se casar  
Para que casada possa  
A sua honra limpar.

Respondeu Maria Helena:  
— O senhor está enganado,  
Isso foi um passatempo  
Que relembrou meu passado,  
Não posso enganar um homem  
Fidalgo, ilustre e honrado.

Dom Rafael replicou:  
— É uma oportunidade  
Que não pode ser perdida,  
Quando você na verdade  
Será reabilitada  
Perante à sociedade.

Ouvindo, Maria Helena  
 Respondeu com tôda ira:  
 — Nunca farei tal miséria,  
 Minha cabeça não vira,  
 Honra suja não se limpa  
 Com falso, engano e mentira.

Direi a Jorge Luís  
 Tôda a verdade por gôsto,  
 Mil vêzes quero morrer  
 Sufocada no desgôsto,  
 A ver a maior vergonha  
 Ser passada no meu rosto.

Cumprindo a sua promessa,  
 Quando Dom Jorge voltou,  
 Contra o gôsto do seu pai,  
 Maria Helena contou  
 Tudo que lhe aconteceu  
 Do jeito que se passou.

Dizendo não ser mais digna  
 De com êle se casar,  
 Porque era mãe de um filho  
 Não o queria enganar,  
 Dom Jorge quase caía  
 Ouvindo ela confessar.

Apenas pôde dizer:  
 — Juro por Santo Agostinho  
 Que o seu filho abandonado  
 Se cruzar no meu caminho  
 Um dia o farei feliz  
 Com meu amor, meu carinho.

Ao terminar as palavras,  
 Despediu-se atordoadado,  
 Deixando Maria Helena  
 Sobre a cruz do seu pecado,  
 Com o coração em pedaços  
 Para sempre sepultado.

Nada esperando do mundo,  
 Foi viver só para Deus,  
 Num orfanato internada,  
 Longe dos maus, dos ateus,  
 Ser mãe dos filhos alheios  
 Por não poder ser dos seus.

Contra o orgulho dos pais,  
 Fugiu da sociedade,  
 Vestiu o traje de freira,  
 Foi viver em santidade,  
 Chamada agora de Sôror  
 Helena da Caridade.

Pela atitude da filha,  
 Dom Rafael do Juncal,  
 Para fugir ao escândalo  
 Que pensava ser fatal,  
 Transportou-se para Havana,  
 Foi morar na Capital.

Onde Maria Dolores  
 Numa choupana morava  
 Com Albertinho que agora  
 Doze anos completava  
 E era o primeiro aluno,  
 Na escola que estudava.

Albertinho certo dia  
 Passando num hotel viu  
 Quando foi parando um táxi  
 E dêle um môço saiu  
 Que pagando ao motorista  
 Sua carteira caiu.

O rapaz nem pressentiu,  
 Como quem estava na Lua,  
 Quando alguém pegou-o no  
 [braço,  
 Do outro lado da rua:  
 — Olhe, môço, esta carteira  
 Caiu do seu bôlso, é sua!

Dom Jorge Luís Belmonte  
Ficou olhando abismado  
Àquele menino pobre,  
Tão simples, tão educado,  
Tão pequeno e tão bonito,  
Tão honesto e tão honrado!

Tentou pagar o achado  
Mas Albertinho não quis  
— Menino, quem são seus pais?  
Perguntou Jorge Luís  
— Quem possui um filho assim  
Deve julgar-se feliz.

— Não tenho pai, meu senhor.  
Respondeu logo Albertinho,  
Tenho a melhor mãe do mundo  
Que me dá o seu carinho,  
A sua vida e a sua alma  
Que clareiam o meu caminho.

Em vista disso, eu preciso  
Que me dê seu endereço,  
Sou Jorge Luís Belmonte  
Que o meu braço lhe ofereço  
Vou conhecer sua mãe  
Pagando o seu alto preço.

Albertinho deu seu endereço  
Do môço se despediu,  
Chegou em casa correndo,  
Quando Dolores o viu  
Deu-lhe um abraço e um beijo  
Dizendo: — Por que saiu?

Albertinho respondeu:  
— Mamãe, eu tive uma glória.  
Quando ia passeando  
Pela Rua da Vitória,  
Vi no chão uma carteira...  
Aí contou a história...

A pobre negra espantou-se,  
Pensando correr perigo,  
Porém Albertinho disse:  
— Mamãe, o môço é amigo,  
Quanto a apresentação,  
Deixe essa questão comigo.

Na tarde do outro dia,  
Dom Jorge Luís chegou,  
Albertinho o recebeu,  
À sua mamãe chamou,  
Fêz as apresentações,  
Dom Jorge se admirou!

Diante o quadro, Dom Jorge  
Ficou bastante cismado,  
A mãe preta, o filho branco,  
Mas como môço educado,  
Tratou somente o assunto  
Que lá o tinha levado.

Disse p'ra Maria Dolores:  
— Quero a sua permissão  
Para que dêste menino  
Eu tenha autorização  
De custear a meu punho  
Tôda a sua educação.

Disse a preta ser feliz  
Por ter um filho daquele  
E que Dom Pepe Rodrigues  
Tinha apadrinhado êle  
E vinha ajudando a ela  
Pagar os estudos dêle.

Dom Jorge disse: — Eu  
[conheço  
Êsse fidalgo de tino,  
Agora, nós dois, unidos,  
Iremos, num só destino,  
Custear, por nossa conta,  
Os estudos do menino.

Assim, como bons amigos,  
Trilhando o mesmo caminho,  
Dom Jorge Luís, Dolores,  
Dom Pepe como padrinho,  
Guiavam no mar da vida  
O navio de Albertinho.

O tempo corria célere,  
Um minuto não parava,  
Pela estrada do saber,  
O nosso herói avançava,  
Já os degraus da ciência  
Tm a um ultrapassava.

Quando Albertinho Limonta  
Já cursava medicina,  
Certo dia apaixonou-se  
Por uma linda menina,  
Da alta sociedade,  
De família muito fina.

Era Julinha Monteiro,  
Môça de alta nobreza,  
Nesse tempo a fidalguia  
Sustentava a avareza,  
Jamais uma jovem nobre  
Casaria na pobreza.

Mas Albertinho inocente,  
Despido de vaidade,  
Foi à casa de Julinha,  
Confirmar sua amizade,  
Onde foi bem recebido  
Com toda a dignidade.

Porém o pai de Julinha  
Exibindo a tradição,  
O sangue azul, o orgulho,  
A fidalguia, o brasão,  
Perguntou a Albertinho  
A sua filiação.

Com a pergunta, o rapaz  
Viu-se apertado na hora,  
Fêz que não entendeu bem  
E tratou de dar o fora,  
Se despedindo e dizendo  
Não poder mais ter demora.

Com isso toda a família  
Ficou bem desconfiada,  
No outro dia Julinha,  
Pelo seu pai obrigada,  
Foi à casa de Albertinho  
Para acertar a "parada".

Queria saber se ele  
Pertencia à fidalguia,  
Chegando à porta bateu  
Já não crendo no que via,  
Foi quando saiu Dolores  
Perguntando o que queria.

Perguntou por Albertinho,  
Não estava, ela voltou,  
Saiu tão repugnada  
Que nem para trás olhou,  
Quando chegou no jardim  
Com o rapaz encontrou.

Disse: — Fui ver sua mãe,  
Venho de lá neste instante,  
Vi somente uma criada  
Preta, gorda, ignorante,  
Não sei como se tolera  
Gente tão repugnante.

Albertinho indignou-se,  
Disse: — Eu quero mais  
[respeito,

Você viu aquela negra?  
Para mim não tem defeito,  
Não dou ela por duzentas  
Branças assim do seu jeito!

Terminando essas palavras,  
Saiu e deixou Julinha  
Apaixonada, chorando,  
Dentro do jardim sòzinha,  
Pagando a ignorância  
Por todo orgulho que tinha.

Albertinho sofreu muito,  
Com essa decepção,  
Odiou tôdas as môças  
E não dava uma exceção,  
Dizendo que elas não tinham  
Nem alma, nem coração.

Nesse tempo foi baixada  
A mão da fatalidade,  
Os rádios anunciavam  
Uma grande tempestade  
Que poderia em segundos  
Destruir tôda a cidade.

Dom Jorge Luís que sabia  
O perigo que passavam  
Dolores com Albertinho,  
Na casinha onde moravam,  
Foi salvá-los no momento  
Que só a morte esperavam.

Conduziu-os no seu carro  
Com a maior brevidade  
Para a sua casa que,  
Com tôda a capacidade,  
Tinha sido construída  
À prova de tempestade.

A tempestade caiu,  
Árvores eram arrancadas,  
Como fôlhas de papel,  
Pelos ares reboladas,  
Ruas inteiras caíam  
Pelo vento destroçadas.

O furacão assolava,  
Os objetos subiam  
Duns lugares para outros  
E como chuvas caíam,  
Só as grandes fortalezas  
Nem sequer se aluíam.

Três dias eram passados,  
Quando a tormenta passou,  
A cidade mutilada  
Um pouco mais respirou,  
O povo saiu às ruas,  
Um nôvo sol despontou.

Albertinho quando viu  
O povo no sofrimento,  
Para cumprir seu dever,  
Saiu no mesmo momento,  
Ajudando nos trabalhos  
Das turmas de salvamento.

Era um quadro doloroso  
De dor e desolação,  
A cidade destruída,  
Na maior devastação,  
Só de feridos e mortos  
Havia quase um milhão.

Hospitais abarrotados,  
Feridos agonizando,  
O povo dando sangue,  
Os médicos operando,  
Enquanto nos cemitérios,  
Mortos iam se enterrando.

Albertinho ia chegando  
Na porta de um hospital,  
Quando soube que havia  
Um homem passando mal  
Que precisava de sangue  
Mas de um tipo especial.

Tôdas as pessoas que  
Estavam ali em frente,  
Depois de examinadas,  
Tinham sangue diferente,  
Albertinho deu seu braço  
Ao enfermeiro presente.

Dizendo: — Examine o meu  
Para ver se dá igual,  
Quando o exame deu certo,  
O assombro foi geral,  
Só porque o doente era  
Dom Rafael do Juncal.

O grande milionário  
Tinha sido acidentado,  
Quando sentiu uma síncope,  
Vendo tudo devastado,  
Com hemorragia interna,  
Precisou ser operado.

Albertinho dando o sangue  
Não sentiu nenhum abalo,  
Porém viu várias pessoas  
Querendo recompensá-lo  
E diversos jornalistas  
Que queriam entrevistá-lo.

Conseguiu desvencilhar-se  
Porém, foi fotografado,  
Embora contra o seu gosto,  
Também foi entrevistado  
Para em todos os jornais  
Ele sair estampado.

Já estava escurecendo  
Quando em casa foi chegando,  
Encontrou mamãe Dolores  
Agoniada, chorando,  
Que perguntou: — Meu amor,  
Por que estava demorando?

Beijando e sendo beijado,  
Albertinho descreveu  
Tudo que havia feito,  
Até do sangue que deu,  
Ao grande rico orgulhoso  
Que por isso não morreu.

Quando Maria Dolores  
Soube todo o acontecido,  
Disse: — Meu filho, por que  
Deu seu sangue a um  
[bandido?]  
Seria muito melhor  
Que ele tivesse morrido!

— Não, mamãe, disse  
[Albertinho,  
Fiz o que pude fazer,  
Para salvar uma vida,  
Cumprindo com o meu dever,  
Apesar d'ele ser rico,  
Nada quero receber.

No outro dia os jornais  
Estamparam em seu papel  
O retrato de Albertinho  
Com uma legenda fiel:  
— “É este o herói que deu  
A vida a Dom Rafael”.

Dom Rafael já em casa,  
No leito, sem sentir dor,  
Fora de todo o perigo,  
Num sono reparador,  
Quando um jornal foi chegado  
Mostrando o seu salvador.

Dona Conceição correu  
Levando o jornal na mão,  
Disse: — Veja Rafael!  
Este belo rapagão  
Foi que ofereceu o sangue  
Que lhe deu a salvação!

Deixa-me ver Conceição,  
Disse se erguendo o velhinho,  
Pegando o jornal e vendo  
O retrato de Albertinho,  
Soltou uma exclamação  
Com emoção e carinho:

— Como é lindo êste rapaz,  
Veja o que diz o jornal!  
— “Estudante pobre doa,  
Sem cobrar um só real,  
Sangue que salva o fidalgo  
Dom Rafael do Juncal”.

Ao terminar a leitura,  
Dom Rafael a rigor,  
Ergueu-se do leito e disse:  
— Sinto-me com mais valor,  
Como que fui renovado,  
Com mais fôrça e mais vigor!

Conceição, êsse rapaz,  
Peço mandar procurá-lo,  
Ao mais breve possível,  
Preciso recompensá-lo,  
Êle é pobre, necessita,  
Sou rico posso ajudá-lo!

Às pressas foi convocada  
A imprensa do país,  
Foi Albertinho encontrado  
Lá com Dom Jorge Luís,  
No palacete imponente,  
Cheio de vida e feliz.

Ao receber o convite,  
Sôbre às vistas da imprensa,  
O rapaz se recusou,  
Fêz fôrça, pediu dispensa,  
Dizendo que não queria  
Ter nenhuma recompensa.

Mas depois de muita luta,  
Pedido, ponderação,  
Albertinho foi vencido  
Pela voz da educação,  
Assim foi levado em festa  
Até à rica mansão...

O nosso herói lá chegado  
Foi, com tôda a brevidade,  
Bem recebido com honra,  
Moral, personalidade,  
Como se fôsse um fidalgo  
Da mesma sociedade.

Dom Rafael abraçou-o,  
Também dona Conceição,  
O milionário disse,  
Trêmulo pela emoção:  
— Eu lhe devo a minha vida,  
A alma e o coração!...

Quero que me dê o prazer,  
Pelo seu desprendimento,  
De tratá-lo como neto,  
Para maior cumprimento,  
Custear os seus estudos  
Com o meu reconhecimento.

Tudo é pela minha conta,  
Para ficar mais completo,  
Não tenho neto e você  
Agora vai ser meu neto,  
Tem tudo que precisar  
Sob a sombra dêste teto.

(Agora, veja o leitor  
Quanto é cruel o destino,  
Pôs na presença do avô  
Aquêlc mesmo menino  
Que ao nascer quase que êle  
Seria o seu assassino).

Porém Albertinho come  
Que por Deus iluminado,  
Agradeceu a oferta,  
Dizendo: — Muito obrigado,  
Eu jamais viria aqui  
Para ser recompensado.

Os meus estudos são pagos  
Por Dom Jorge e o meu  
[padrinho  
Que é Dom Pepe Rodrigues,  
O meu bondoso velhinho,  
E por minha santa mãe  
Que me dá todo o carinho.

— Pelo que diz, não tem pai,  
Falou dona Conceição,  
Albertinho respondeu:  
— A senhora tem razão,  
Porém, dou graças a Deus,  
Jamais me faltou o pão.

Agradeço penhorado  
À honra que me foi dada,  
Porque para eu ser feliz,  
Minha mamãe adorada  
Trabalha sem descansar  
Assim não me falta nada.

— Menino, aceite a oferta,  
Disse dona Conceição,  
Não como uma recompensa  
De tão prestimosa ação,  
Porém como um prêmio justo  
Da sua abnegação.

Albertinho resistiu:  
— Eu reconheço a bondade,  
Porém não aceito nada,  
Peço até por caridade...  
Dom Rafael disse: — Então,  
Aceite a nossa amizade!

Venha quantas vezes quiser,  
Este palacete é seu,  
Para abraçar seu avô,  
A quem o seu sangue deu,  
O rapaz se despedindo  
Outra vez agradeceu.

Quando Albertinho chegou  
Em casa encontrou em pranto  
A sua mamãe Dolores  
Ajoelhada num recanto  
Que quando o viu perguntou:  
— Por que se demorou tanto?

Eu estava com cuidado,  
Dom Rafael do Juncal,  
Aquêlê velho maldito,  
Podia lhe fazer mal,  
Êle é perverso, meu filho,  
Tem um orgulho infernal.

— Nem tanto, mamãe Dolores,  
Disse o rapaz com emoção,  
Até que os simpatizei,  
Êle e dona Conceição,  
Como que por um mistério,  
Entraram em meu coração.

Fui muito bem recebido  
Pelo bondoso velhinho  
Que me chamou de seu neto  
Com o mais terno carinho:  
Por que me diz a senhora  
Que êle é tão mau e  
[mesquinho?

— O que foi que você disse  
Dêsse tal Dom Rafael,  
Êle lhe chamou de neto,  
Sendo um monstro tão cruel?  
Eu o conheço, meu filho,  
Ê pior que cascavel!...

Dom Jorge ouvindo a conversa  
Ficou impressionado,  
Pois apertando Dolores  
Ela lhe tinha contado  
Quase tudo que sabia  
Daquele estranho passado.

Sabia que o môço era  
Filho de Maria Helena  
E Dom Alfredo Martins  
Que dela não teve pena,  
Neto de Dom Rafael,  
Para completar a cena.

Porém guardavam segredo,  
Num pacto de amizade,  
Ele e Maria Dolores,  
Com tôda fidelidade,  
Até o dia que o destino  
Rasgasse o véu da verdade.

Já passada a tempestade,  
Dolores com Albertinho  
Em sua antiga morada,  
O destino de mansinho  
Veio colocar mais uma  
Pedra naquele caminho...

Foi Dom Alfredo Martins  
Que chegou da Espanha  
Com um "madeiro" nos  
[ombros,

O fruto de outra façanha,  
Foi à casa de Dom Jorge  
Contar uma cena estranha.

Por uma condêssa amiga  
Foi a Dom Jorge Luís  
Apresentado e contou  
Que não vivia feliz  
Porque tinha um filho único  
Que tinha um gênio infeliz.

Dizendo que era viúvo,  
Há poucos dias chegado,  
Queria achar um colégio  
Para que fôsse internado  
Oswaldo que com dez anos  
Era mau, desajustado.

Não compreendia como  
Sofria aquêle castigo  
De ter um filho perverso,  
Um verdadeiro perigo,  
Que se tornava na vida,  
O seu maior inimigo...

Fêz um apêlo a Dom Jorge  
Para que lhe apresentasse  
Um colégio em condições  
Onde o seu filho internasse  
Para que fôsse educado  
E o seu tormento cessasse.

Dom Jorge Luís Belmonte  
Prontificou-se ajudá-lo  
Porém fêz uma pergunta,  
Sômente para humilhá-lo,  
Que foi uma punhalada  
Quase capaz de matá-lo:

— Quando em sua mocidade,  
O senhor não tem lembrança  
Que tenha feito algum crime  
De abuso de confiança?  
Talvez que o destino esteja  
Lhe cobrando uma vingança.

Com isso, Alfredo Martins  
Sentiu o mundo rodar  
E perguntou: — O que quer  
O senhor insinuar?  
Dom Jorge lhe disse: — Nada,  
Apenas tive um pensar...

Porém Albertinho estando  
Presente na ocasião  
Também entrou no assunto,  
Mudando a conversação,  
Porque estava sentindo  
A mais terna compaixão.

Sentiu no seu coração,  
Por tudo que tinha ouvido,  
Uma simpatia estranha,  
Um amor estremecido,  
Pelas dores paternas  
Daquela desconhecido!

Ele não adivinhava  
Que via na sua frente  
O seu verdadeiro pai,  
Nem passava pela mente  
De Dom Alfredo Martins  
Que tinha o filho presente.

Era aquêlê mesmo filho  
De quem havia negado  
O direito de nascer  
Ostentando um nome  
[“honrado”]  
Porém o destino tinha  
Seu castigo preparado.

Pai e filho, frente à frente,  
Naquela cena impossível,  
Ao despedir-se Albertinho,  
Sentindo o drama terrível,  
Ofereceu sua ajuda  
Na medida do possível.

Em casa Albertinho disse,  
Todo o fato acontecido,  
A sua mãe Dolores  
Que respondeu num gemido:  
— Conheço Alfredo Martins,  
É um perverso, um bandido!

Ele está pagando o mal  
Que fez à sociedade,  
Cuspindo na inocência,  
Quando tinha mocidade,  
Um assassino da honra  
Não merece a piedade.

— Não, mamãe, eu não  
[concordo,  
Não importa o crime dêle,  
Tenho pena dos que sofrem,  
Quando num drama daquele,  
Como irmão no sofrimento,  
Eu me simpatizei com êle.

Mamãe Dolores calou-se  
Vendo que o filho seguia  
Os ditames do destino  
Que ninguém evitaria  
Porque o inevitável  
Um dia aconteceria.

De mais a mais, Dom Alfredo  
Parecia um condenado  
A pagar uma sentença  
Pelo crime do passado,  
Como que mais aumentava  
Com o tempo o seu pecado.

Porque estando rapaz,  
Seu filho era um vagabundo,  
Preguiçoso, chantagista,  
Passava cheque sem fundo,  
Para envergonhar o pai  
Enganava a todo mundo.

Dando vasão ao instinto,  
Vivia na podridão,  
Com ladrões e prostitutas,  
Nos antros da perdição,  
Parecendo que não tinha  
Um meio de salvação.

Para tanto, apaixonou-se  
 Por uma mulher perdida  
 Que apesar de ser bonita,  
 Era quase suicida,  
 Traficava entorpecentes,  
 Totalmente pervertida.

Alfredo Martins sofrendo,  
 Doente, não tinha gosto,  
 Dia a dia piorava,  
 Minado pelo desgosto,  
 Osvaldo só vinha em casa  
 Para cuspir no seu rosto.

Sim, porque com Dom Alfredo  
 Abriu uma grande luta,  
 Queria porque queria  
 Casar com a prostituta,  
 Dizendo que só assim  
 Mudaria de conduta.

Para livrar-se da lama,  
 A doidivana Rosário  
 Sabendo que Osvaldo era  
 Filho de um milionário,  
 Tentava todos os meios  
 Para sair do calvário...

Um contraste com Osvaldo,  
 Enquanto isso se passava,  
 Doutor Alberto Limonta,  
 Já formado clinicava  
 Em seu próprio consultório  
 Seus clientes receitava...

Naquele bairro de Havana,  
 O que foi uma casinha  
 Era agora um palacete,  
 O que precisava tinha,  
 Maria Dolores era  
 Daquela côrte a rainha.

Doutor Alberto Limonta  
 Um minuto não parava,  
 Como um grande cientista,  
 A sua fama aumentava,  
 Dinheiro entrava de rôdo,  
 Clientela não faltava.

Sempre, sempre visitava  
 Dom Rafael do Juncal,  
 Agora era o seu médico  
 E, de modo especial,  
 Também, de tôda a família,  
 Completando o ideal.

No escritório do velho,  
 Um dia numa visita,  
 Viu na parede um retrato  
 Duma jovem tão bonita  
 Que pensou ser uma santa  
 Vista na tela infinita.

Perguntou com emoção  
 Quem era aquela deidade,  
 Dom Rafael respondeu,  
 Como fugindo à verdade:  
 — Hoje o nome dela é Sôror  
 Helena da Caridade...

É uma das minhas filhas  
 Que para viver na luz,  
 Fugiu da vida mundana,  
 Para abraçar uma cruz,  
 É freira num orfanato  
 Sob às ordens de Jesus.

Mas Albertinho sentiu-se,  
 No choque emocional,  
 Como que unido à môça  
 Por um laço fraternal,  
 Era que desabrochava  
 O seu amor filial.

Olhava aquêlê retrato,  
Com a alma enternecida,  
Como que já tinha visto  
Uma cara parecida  
Duma pessoa que fôsse  
Para si muito querida.

Mas nisso Dom Rafael  
Disse em linguagem correta:  
— Agora mesmo eu estou  
Esperando a minha neta,  
A linda Isabel Cristina,  
Uma princesa completa.

Ela é filha de Dorinha  
A outra filha casada  
Que tenho com um fidalgo  
Duma conduta ilibada,  
Ricardo de Monte Verde,  
Pessoa muita elevada.

A minha querida neta  
Saiu daqui com dez anos  
Para os Estados Unidos,  
Cumprindo os mais nove  
[planos,  
Para aprender as ciências  
Dos cursos americanos.

Acompanhada dos pais  
Partiu Isabel Cristina,  
Eis aqui um retratinho  
Da minha linda menina  
E mostrou a Albertinho  
Uma foto pequenina.

De fato, Isabel Cristina  
Com dez anos, na verdade,  
Era uma bela criança  
Mostrando vivacidade,  
Agora, môça formada,  
Voltava para a cidade.

Albertinho agradeceu  
A prova de confiança  
De Dom Rafael mostrando  
O retrato da criança,  
Despediu-se e foi embora  
Com Isabel na lembrança.

Enquanto as horas do tempo,  
Uma a uma, iam passando,  
Doutor Alberto Limonta  
Seus doentes consultando,  
Dom Rafael do Juncal  
Pela neta ia esperando.

Com Dom Alfredo Martins  
Isso mesmo não se dava  
Porque o seu filho Osvaldo  
De mais a mais piorava,  
As suas estrepolias  
O pai já não agüentava.

É quando Albertinho foi  
A tôda pressa chamado,  
Lá encontrou Dom Alfredo  
Com o coração abalado  
Que lhe contou em soluços  
O que se tinha passado.

Depois que Albertinho soube  
Qual a causa do abalo,  
Com palavras de confôrto,  
Fêz promessa de ajudá-lo  
E mandou chamar Osvaldo  
Com o fim de aconselhá-lo.

Albertinho disse: — Osvaldo,  
O seu pai pode morrer,  
Seu estado é muito grave,  
Não o faça mais sofrer,  
Você é o responsável  
Por tudo que acontecer.



Naquela apresentação,  
O orgulhoso senhor  
Disse à Isabel Cristina:  
— Este é o meu salvador,  
Hoje corre em minhas veias  
O seu sangue benfeitor.

E por dona Conceição  
A história foi contada  
Como o sangue foi doado  
E Albertinho não quis nada.  
A moça ouviu surpresa  
Ternamente admirada!

Isabel Cristina olhando  
Aquêlo môço a rigor,  
Encontrou o seu olhar  
Tão forte, eletrizador,  
Que caiu como fâisca  
No estopim do amor,

Houve o incêndio emotivo  
Naqueles dois corações,  
Nem o mar apagaria  
O fogo das emoções  
Que abrasava nos dois corpos  
Aumentando as pulsações...

Nesse momento chegou  
A Grasiela Garcia,  
Numa visita amigável,  
Completa de cortesia,  
Porque à Isabel Cristina  
Há muito tempo conhecia.

As duas já eram velhas  
Amigas de tradições,  
Colegas em vários cursos,  
Desde as primeiras lições,  
Assim, naquele momento,  
Houve as apresentações.

Albertinho apresentado  
À formosa Grasiela,  
No cruzamento das mãos,  
Sentiu as intenções dela,  
Porém à Isabel Cristina  
Achava muito mais bela.

Na saída Grasiela,  
Quando passava na sala,  
Convidou a Albertinho  
Para ir acompanhá-la,  
Porém Isabel Cristina  
Modificou a escala.

Respondendo: — Eu também  
[vou,

O môço eu confio nêle,  
Vou com você no seu carro  
Albertinho vai no dêle,  
Chegando lá eu lhe deixo  
E depois volto com êle.

Dom Rafael irritado,  
No intuito de impedir,  
Disse à Isabel Cristina:  
— Você não pode sair,  
Porém ela respondeu:  
— Vovô eu tenho que ir.

Foi dizendo e foi saindo  
Acompanhando Albertinho,  
Juntamente à Grasiela,  
Seguindo o mesmo caminho,  
Sairam as duas num carro,  
No outro o rapaz sozinho.

Com isso Dom Rafael  
Indignado ficou,  
Porém Isabel Cristina  
Nem de longe adivinhou  
O mal que tinha causado  
Por isso foi e voltou.

Na volta os dois conversando  
Sôbre os seus conhecimentos  
Nas ciências mais modernas,  
Concluindo os pensamentos,  
Chegaram à realidade  
Que tinham iguais

[sentimentos.

Foi quando entre os dois

[nasceu

O mais sublimado amor,  
Tão puro que não respeita  
Seu maior opositor,  
O orgulho das tradições,  
Um canhão devorador.

Chegando Isabel Cristina,  
No portão fêz a descida,  
Despediu-se de Albertinho,  
Satisfeita, embevecida,  
Sem saber que tinha aberto  
A maior guerra da vida.

Sim, porque Dom Rafael  
Com tôda a severidade  
Chamou-a e disse: — Você  
Fêz contra a minha vontade  
Um ato de indisciplina  
Que fere a dignidade.

Onde se viu uma môça  
Que tem sua posição  
Andar sôzinha num carro  
Com um tipo sem brasão,  
Sem nome nem pergaminho,  
Sem valor nem tradição?

A môça muito espantada  
Disse: — Vovô, o senhor,  
Não se lembra quando disse  
Que êle era o seu salvador,  
E como é que diz agora  
Que não tem nenhum valor?

Foram o senhor e vovó  
Que disseram com carinho,  
Que corria em suas veias  
O sangue de Albertinho,  
Como é que o senhor responde  
Que êle não tem pergaminho?

— Minha filha, aquêle môço  
Que o sangue me ofereceu,  
Ninguém conhece seus pais  
Nem se sabe onde nasceu,  
É um estranho sem nome,  
Um "João-ninguém", um  
[pleben.

Ele diz que não tem pai  
Só tem mãe, em quem fala,  
Porém existe um mistério  
Que não quer apresentá-la,  
Por mais que tenha tentado  
Nunca pude contemplá-la.

A todos que êle conhece  
Diz que a mãe é muito boa,  
Delicada, carinhosa,  
É uma santa em pessoa,  
Mas, por não querer mostrá-la,  
Parece ser gente à toa.

Isabel Cristina disse:  
— Para o seu ponto de vista,  
É muito estranho, vovô,  
Mas na era modernista,  
A origem não ofusca  
O valor de um cientista.

O rapaz pode não ter  
Nenhum brasão de nobreza,  
Porém tem um pergaminho,  
Dado pela natureza,  
Da ciência e do trabalho,  
Para que maior riqueza?

Os brasões e os pergaminhos,  
Hoje estão ultrapassados,  
Foram aquêles falsos títulos  
Moralmente fracassados,  
Agora estamos na éra  
Dos povos humanizados.

Dom Rafael nesse instante,  
Quese que dava um ataque,  
Deu um bofete na mesa  
Que longe se ouviu o baque  
E passou a mão nas barbas  
Quase arranca o cavanhaque.

E falou com todo orgulho:  
— Que é isso Isabel Cristina.  
Uma Juncal-Monte Verde  
Com uma origem tão fina,  
Falando dessa maneira,  
Você está louca, menina?

Onde estão nossos brasões  
De família aristocrata?  
A mãe disse: — Vovô,  
Melhor diga: escravoerata,  
Porque eu sou diferente,  
Sou humana e democrata.

Não creio nos privilégios  
Dêsses brasões homicidas,  
Dessas falsas fidalguias,  
Sempre mal-adquiridas,  
Escravizando inocentes,  
Ceifando milhões de vidas.

Só acredito, vovô,  
Em brasão quando arrancado:  
Pelo braço do trabalho  
Fiel, honesto e honrado,  
Com sangue, suor e lágrimas  
Do homem humanizado.

É esse o doutor Limonta,  
Que o senhor chama plebeu,  
Que vive salvando vidas  
Com a ciência que aprendeu,  
Até já salvou a sua  
Com o sangue que lhe deu.

Confesso que Albertinho  
É um rapaz encantador,  
Entrou no meu coração  
Pela janela do amor  
E trançou tôdas as portas  
Com a chave do seu valor.

Dom Rafael como um louco  
Disse à Isabel Cristina:  
— Se é esse o seu destino  
Pode mudar de rotina,  
Cai corisco, chove fogo,  
Mas eu corto a sua sina.

Nem fale mais no assunto,  
Insolente sem decôro,  
Assim que seus pais chegarem  
Eu acerto o seu namôro  
Nem que seja necessário  
De lhe ser tirado o couro.

— Vovô, o amor é um monstro  
Que o senhor inda ignora,  
Nunca foi vencido em luta,  
Tem no templo aonde mora  
Uma corrente de fogo  
Que estica porém não tora.

— Cale-se Isabel Cristina,  
Falou o velho irritado,  
Já não quero mais ouvi-la,  
Enquanto isso era passado  
À casa de Dom Alfredo  
Albertinho era chegado.

Entre Osváldo e Dom Alfredo  
Tinha havido uma bate-bôca,  
Porque a maior fortuna  
Para o rapaz era pouca,  
Para gastar com Rosário  
Na sua arrancada louca.

E pelo amor de Rosário  
Osváldo à casa deixou,  
Assim que êle foi embora  
Doutor Limonta chegou,  
Dom Alfredo em agonia  
A triste história contou.

Albertinho examinando  
O seu amigo ancião,  
Sentiu o grave perigo  
No seu velho coração,  
O choque tinha causado  
Uma pequena lesão.

Com vários medicamentos  
Conseguiu reanimá-lo,  
Quanto a Osváldo Martins,  
Prometeu ir procurá-lo  
Para que voltasse à casa  
Tentaria conformá-lo.

Enquanto isso acontecia,  
Lá na mansão suntuosa  
De Dom Rafael chegava  
Uma família orgulhosa,  
Os pais de Isabel Cristina,  
Em uma tarde chuvosa.

A môça tornou-se triste  
Na chegada de Dorinha,  
A mãe vendo a filha assim  
Perguntou logo o que tinha,  
Isabel Cristina disse  
Tudo quanto lhe convinha.

Disse que por um rapaz  
Estava louca de amor,  
Porém estava vivendo  
Num regime de terror  
Porque os seus dois avós  
Lhe tinham o maior horror.

Com isso Dorinha quis  
Saber o rapaz quem era,  
Quando a môça disse tudo  
A mãe ficou uma fera,  
Parecendo ter nas veias  
O sangue de uma pantera.

Enquanto noutro salão  
Dom Rafael rosto a rosto,  
A Dom Ricardo contava  
O vergonhoso desgosto  
Que a neta lhe tinha dado  
Amando contra o seu gosto.

Nisso mãe e filha entraram  
No majestoso salão,  
Foram vendo na conversa  
Também dona Conceição,  
As labaredas do orgulho  
Incendiavam a mansão.

Ficaram todos de pé  
Olhando Isabel Cristina,  
Como anatematizando  
À mais vulgar assassina,  
Com seus olhares de fera  
Traumatizando a menina.

Dom Ricardo disse à filha:  
— Quem lhe deu a autoridade  
De amar um “João-ninguém”,  
Fora da sociedade,  
Miserável, sem origem,  
Plebeu, sem dignidade?

— Não, papai, eu não combino  
Com o seu ponto de vista,  
Doutor Alberto Limonta  
É um grande cientista,  
No tesouro de ciência,  
O maior capitalista.

Humano e compreensivo,  
A virtude mora nêle,  
Com tanta dignidade,  
Jamais vi outro daquele  
E nas veias de vovô  
Corre o sangue vivo dêle.

A pessoa se destaca  
Pela sua vocação,  
Valor moral e caráter,  
Não por essa tradição  
De pergaminho e origem  
Que já perdeu a expressão.

Por isso ao doutor Limonta  
Honrado, trabalhador,  
De quem o ouro do mundo  
Já não paga o seu valor,  
Ofertei de uma só vez  
Coração, vida e amor.

Ricardo de Monte Verde  
Quase que cai fulminado,  
Com as palavras da filha,  
Sentiu-se muito humilhado,  
Como todos os presentes  
Cada qual mais alarmado.

Ricardo falou tremendo,  
Com as duas mãos na cabeça  
— Cale-se, filha insolente,  
A tal baixeza não desça,  
Sou capaz de estrangulá-la  
Antes que tudo enlouqueça!

Isabel Cristina disse:  
— Sou humana e sou mulher,  
Tenho um coração no peito  
Que pulsa e diz o que quer,  
É meu, ninguém manda nêle,  
Posso dá-lo a quem quiser.

Agora todos falaram,  
Como por uma só boca:  
— Que é isso, Isabel Cristina,  
Você está ficando louca?  
A môça respondeu: — Não,  
Tôda a opressão é pouca!

As mulheres foram embora  
Deixando sós no salão  
Dom Rafael e Ricardo  
Que com indignação  
Ficaram traçando planos  
Tom a mais alta traição.

Tôda a vida de Albertinho  
Fam tentar desvendar  
Para que assim pudessem  
Com o mistério acabar,  
Fazendo Isabel Cristina  
Dêle se desenganar...

Enquanto isso Albertinho  
Seguia no seu roteiro  
Pensando em Isabel Cristina  
E no seu amor primeiro,  
Facilava que ela fôsse  
Como Juliinha Monteiro.

Apaixonado contou  
Tudo a Dom Jorge Luís,  
Não sabia o que fizesse,  
Como seria feliz,  
Perguntou ao seu amigo:  
— O que é que o senhor diz?

Dom Jorge com a notícia  
 Caiu em pleno deserto  
 Daquela drama passado,  
 Vendo o destino tão perto,  
 Respondeu na mesma hora  
 Que tudo daria certo...

Ficou Albertinho alegre  
 Porém Maria Dolores  
 Quando soube da história  
 Quase morria de dores,  
 Do velho Dom Rafael  
 Contou milhões de horrores!

Dizendo que em Santiago  
 Há muito conheceu êle,  
 Mau, perverso e orgulhoso,  
 Que um criminoso daquele  
 Jamais deixava Albertinho  
 Casar com a neta dêle!

Porém Albertinho disse:  
 — Dela eu já tive a promessa.  
 Nós dois querendo, mamãe,  
 Já não tem poder que impeça  
 Eu não dou um passo atrás  
 Nem que Santo Antônio peça

— Deus lhe proteja, meu filho  
 Mamãe Dolores falou,  
 Albertinho agradecendo,  
 O telefone tocou,  
 O rapaz se levantando  
 Foi atender quem chamou...

O telefonema era  
 Convite de Grasiela  
 Para que às vinte horas  
 Fôsse até à casa dela,  
 Assistir uma festinha  
 Que seria muito bela.

Também Isabel Cristina  
 Ia como convidada,  
 O rapaz lembrou Dom Jorge  
 Foi até sua morada  
 Convidou-o para que fôsse  
 Conhecer a sua amada.

As vinte horas estavam  
 Na casa de Grasiela,  
 Não tinha festa nem nada,  
 Tinha sido trama dela,  
 Da festinha só havia  
 Isabel Cristina e ela.

Albertinho com Dom Jorge  
 Tinha ido combinado  
 Para que na dita festa  
 Um ficasse separado  
 Do outro para do plano  
 Sair um bom resultado.

Assim, enquanto Albertinho  
 Entretia Grasiela,  
 Dom Jorge Luís Belmonte  
 Ia com tôda a cautela  
 Sondando Isabel Cristina  
 Sôbre os pensamentos dela.

Porém é que Grasiela  
 Pensou estar sendo amada  
 Por Albertinho e tornou-se  
 Uma ingênua apaixonada,  
 Enquanto Isabel Cristina  
 Os olhava enciumada.

Depois que os dois foram  
 [embora,  
 Satisfeita, Grasiela  
 Disse que Albertinho estava  
 Apaixonado por ela,  
 Até que Isabel Cristina  
 Quase acreditava nela.

Vamos seguir os amigos,  
Quando Dom Jorge Luís  
Afirmou a Albertinho:  
— Pela sondagem que fiz,  
A linda môça tem tudo  
Para fazê-lo feliz...

Humana, compreensiva,  
Com uma educação fina,  
Liberta de preconceitos,  
Possui Isabel Cristina  
Uma aluna lapidada  
Que parece até divina.

Enquanto êles conversavam,  
Havia um bar no caminho,  
Pararam o carro e desceram,  
A convite de Albertinho,  
Para que na noite fria  
Tomassem um cafêzinho.

Sentados em uma banca,  
Quando na ocasião,  
Tomavam o cafêzinho,  
Ouviram uma discussão,  
Com palavras inflamadas,  
Dizendo: — Pega o ladrão!...

O povo todo correu,  
O ladrão foi rodeado,  
Albertinho levantou-se,  
Por um impulso levado,  
Lá viu Osvaldo Martins  
Pela policia agarrado.

O dono do bar dizia:  
— Prendam êsse vagabundo  
Que se fazendo de rico  
Ludibria a todo mundo,  
Come e bebe com mulheres  
E só tem cheque sem fundo.

Como prova insofismável,  
Mostrava um cheque na mesa,  
Exibindo outro na mão,  
Quando com delicadeza,  
O doutor Limonta disse:  
— Eu pago tôda a despesa.

E disse para a policia:  
— Quero o rapaz libertado,  
Não adianta prendê-lo,  
É um desequilibrado  
Que não cumpre os seus  
[deveres  
Porém tem um pai honrado!

Osvaldo sôlto ao seu lado  
Tinha uma mulher bonita,  
Doutor Limonta apontou:  
— Eis aí sua desdita,  
Ter vergonha, sentimento  
É o que você necessita!

Osvaldo, você precisa  
Modificar sua vida,  
Abandonar êsses meios  
Dessa classe combalida,  
Renegando à companhia  
Dessa mulher pervertida!

Osvaldo revidou, vendo  
A sua amante atingida:  
— Doutor Limonta, respeite  
Todo o amor de minha vida,  
Comigo eu aceito tudo,  
Nunca com minha querida!

Uma nota de cem dólares,  
Albertinho tinha dado  
Para tirar a despesa,  
Nesse instante foi chegado  
O trôco numa bandeja  
Dos cheques acompanhado.

Albertinho recebendo,  
 Pegou os cheques e deu  
 A Osvaldo lhe dizendo:  
 — Veja o que lhe aconteceu,  
 Rasgue-os como um exemplo  
 Do crime que cometeu!...

Osvaldo junto a Rosário,  
 A sua amada tão bela,  
 Rasgou os cheques jurando  
 Não cair noutra daquela,  
 Agradecendo saiu  
 Pegado no braço dela.

Voltando à banca, Albertinho  
 Disse a Dom Jorge Luís:  
 — Aquêlê môço é Osvaldo,  
 Tem uma vida infeliz,  
 Filho de Alfredo Martins,  
 Que acha pelo que fiz?

— Muito bem, disse Dom  
[Jorge]  
 O seu ato lhe engrandece,  
 É pena ter sido feito  
 À gente que não merece,  
 O môço atalhou dizendo:  
 — Mas Deus do céu agrade.

Albertinho nessa noite  
 Quando em casa foi chegando  
 Contou à mamãe Dolores  
 Quanto estava apaixonado  
 Como era correspondido  
 Por Dom Jorge observado

Quando Maria Dolores  
 Soube aumentar o enrêdo,  
 Cain num pranto tão grande  
 Que Albertinho teve mêdo,  
 Era que a negra temia  
 Ser descoberto o segrêdo.

Porque há muito Albertinho  
 Forçava os meios legais  
 Pedindo à mamãe Dolores  
 Dizer quem foram seus pais,  
 Manter aquêlê silêncio  
 Já não suportava mais.

Enquanto a negra Dolores  
 Chorava pelo temor,  
 Lá longe Isabel Cristina  
 Sofrendo pelo terror,  
 Era uma fera acuada  
 Defendendo o seu amor.

Porque agora na casa,  
 Todos eram contra ela,  
 Os pais e os dois avós,  
 Reprovando o amor dela,  
 Só no inferno teria  
 Uma opressão daquela!...

No dia de Santa Helena  
 Obteve a permissão  
 Para visitar a tia  
 Por quem tinha adoração,  
 Foi desabafar as mágoas  
 Que tinha no coração.

No mesmo dia Albertinho,  
 Como por coincidência,  
 Lembrou-se de Sôror Helena,  
 Num dever de consciência,  
 Mandou-lhe um lindo presente  
 Com um cartão de reverência.

Chegada Isabel Cristina,  
 Recebida pela tia  
 A quem chamava de mãe,  
 teve a maior alegria  
 Depois que lhe abriu a alma  
 Contando o quanto sofria.

Porque ao falar no nome  
Do rapaz dos seus amôres,  
Sóror Helena teve um choque,  
Como quem sofre mil dores,  
Ao lembrar-se do cartão  
Do ramallete de flôres...

Saiu e voltou trazendo  
O ramallete perfeito,  
Com um bonito cartão  
Escrito por êste jeito:  
— “Doutor Alberto Limonta  
Com o mais sincero respeito”.

A môga muito espantada,  
Quando leu o cartãozinho,  
Quase cai com a emoção  
E perguntou com carinho:  
— Mãe Helena, a senhora  
Conhece o meu Albertinho?

Doutor Alberto Limonta  
É o amor de minha vida,  
Compreensivo, educado,  
Com uma alma esculpida  
Pelo pincel da bondade,  
Por quem sou correspondida

Porém meus avós não querem  
E meus pais dizem horrores  
Dêsse rapaz a quem amo  
Pelos seus grandes valores,  
E por que, mãe Helena,  
Êle mandou-lhe estas flôres?

— Não o conheço, minha filha,  
Nunca vi seu namorado,  
Talvez você conversando  
Com êle tenha falado  
De mim e por isso hoje  
Êle tenha se lembrado.

— É verdade, disse a môga,  
Eu lhe falei da senhora,  
Êle até quer conhecê-la  
Se pode, eu pergunto agora,  
A freira disse que sim  
Mas quando chegasse a hora.

Sóror Helena ainda disse:  
— Não vejo nada demais  
No seu amor por um môço  
Que tem os dotes morais  
Para fazê-la a mulher  
Mais feliz entre os mortais.

Já simpatizo êsse môço  
Pelo seu alto valor,  
Por isso me prontifico  
Para o que preciso fôr,  
Na luta contra o orgulho,  
Defendendo o seu amor.

Enquanto Maria Helena  
Fazia aquela promessa,  
Na casa de Dom Alfredo  
O desassossêgo ingressa,  
Albertinho foi chamado  
Para ir a tôda pressa.

Lá chegando constatou  
Que o cliente agonizava,  
Com a ausência do filho  
Dom Alfredo piorava,  
Albertinho examinou-o  
Para ver que jeito dava...

Passou-lhe os medicamentos  
Dando mais a garantia  
Que dentro de pouco tempo  
O seu filho voltaria  
E foi procurar Osvaldo  
Na noite do mesmo dia.

No apartamento de Osvaldo  
Um drama está se passando  
Com aluguel atrasado,  
O casal sempre brigando,  
Pela falta de dinheiro,  
Um do outro se queixando.

Naquele dia Rosário  
Disse: — Agora aqui se come,  
Eu arranjei um “negócio”  
Que não precisa de nome,  
Porém dá muito dinheiro  
Para matar nossa fome...

O “negócio” é vantajoso,  
Arranjei com um “amigo”,  
Vou preparar e depois  
Você vai vender comigo  
Porém precisa cuidado  
Na vendagem dêsse “artigo”.

Na feitura do “negócio”,  
Doutor Limonta chegou,  
Assim que bateu na porta,  
Abriu o trinco e entrou,  
Rosário correu com medo,  
Sòmente Osvaldo ficou.

Doutor Limonta foi logo  
Dizendo porque tinha ido,  
Fazendo ver a Osvaldo,  
O seu êrro cometido  
Com a saída de casa,  
O que tinha acontecido.

Osvaldo repeliu tudo,  
Nada fêz com que cedesse,  
Dizendo o pai ser culpado  
Por tudo que acontecesse,  
Para deixar-lhe a fortuna,  
Era até bom que morresse!

Nisso em cima duma banca,  
Doutor Limonta notou  
Vários maços de cigarros,  
Daquilo desconfiou,  
Quando quis agarrar um  
Osvaldo se levantou...

— Não, Doutor Limonta, disse,  
Tome um cigarro do meu,  
Albertinho pelo gesto  
De tudo comprencendeu  
E o que havia sôbre a banca  
De uma vez apreendeu...

Examinou tudo e disse:  
— Não se altere nem se  
[oponha,  
Por que virou traficante  
De cocaína e maconha?  
Posso dar parte à policia,  
Vai ser a maior vergonha!

Como é que você, Osvaldo,  
Quer viver de entorpecentes,  
Com marginais viciados,  
Nos piores ambientes,  
Roubando vidas humanas,  
Enlouquecendo inocentes?

Nisso, Rosário do quarto  
Como uma louca correu  
E disse: — Doutor Limonta,  
A dona daqui sou eu,  
Abandone a minha casa  
E deixe tudo o que é meu!

O senhor fêz muito mal  
Em estar aqui neste instante,  
Como se diz tão honesto  
Quando rouba um traficante?  
Quem faz assim é ladrão,  
Criminoso e assaltante!...

Ponha o meu "negócio" aí,  
Senão eu posso atacá-lo,  
Com minhas próprias mãos,  
Sou capaz de estrangulá-lo,  
Já que Osvaldo não possui  
A moral de castigá-lo...

O doutor Limonta disse:  
— Rosário, você não tem  
Coragem de fazer nada  
E nem Osvaldo também,  
Porque são dois criminosos  
Que necessitam do bem...

É isso o que faço agora,  
Os livrando da cadeia,  
De fazerem novos crimes,  
Destruindo à vida alheia,  
Para ver se vocês deixam  
Essa profissão tão feia...

Isso tudo eu vou queimar  
Para acabar o perigo,  
Porém continuo sendo  
De vocês um grande amigo,  
Se precisarem de mim,  
Para o bem, contem comigo

Albertinho nesse instante  
Despediu-se e foi andando,  
Rosário caiu tremendo  
Numa cadeira chorando,  
Osvaldo caído noutra,  
Ficaram se lamentando...

Os dias foram passando,  
Num oceano de dor,  
Até que Rosário disse,  
Com um beijo de mais calor:  
— Osvaldo, eu vou ter um  
[filho.  
O fruto do nosso amor...

Porém quando Osvaldo ouviu,  
Disse: — Não, não pode ser,  
Eu não posso ter um filho,  
Assim não posso viver,  
Você tem que dar um jeito  
Para êle não nascer...

Rosário disse: — Que jeito?  
Eu quero é que venha a hora,  
Há muitos anos que vinha  
Pedindo à Nossa Senhora  
Que me desse um filho e Ela  
Lembrou-se de mim agora!

Para que a minha vida  
Tivesse a razão de ser,  
Eu só desejava um filho,  
Era todo o meu prazer,  
Como é que posso agora  
Evitá-lo de nascer?...

— Essa não, gritou Osvaldo,  
Você assim me consome,  
Para que queremos filho,  
Se nós dois passamos fome?  
Sendo assim eu vou embora,  
Não fale mais no meu nome.

Rosário disse: — Meu bem,  
Para tudo Deus dá jeito,  
Pensei até que você  
Ficasse mais satisfeito,  
Osvaldo disse: — Nem fale  
Porque filho eu não aceito.

Ela pelo grande amor,  
Dedicado ao companheiro,  
Aceitou sua proposta  
Porém disse em desespêro:  
— Nós precisamos de um  
[médico,  
Onde vamos ver dinheiro?

Oswaldo pensou e disse:  
 — Tenho um jeito para dar,  
 O doutor Limonta que é  
 Um cientista exemplar,  
 Pelo que se ofereceu,  
 Pode até nos ajudar.

— Jamais Oswaldo, isso nunca,  
 A tanto eu não me humilho,  
 Logo aquêlé miserável  
 Que me fêz tanto impecilho  
 E ainda dar-lhe o prazer  
 De assassinar o meu filho?

— Assim, Rosário, de mim  
 Você nada mais consegue,  
 Hoje mesmo irei embora  
 Para que ninguém me pegue,  
 Você vá com filho e tudo  
 Para o diabo que a carregue!

— Não Oswaldo, não me deixe,  
 É muito o que você quer,  
 Porém pelo seu amor  
 Faço tudo o que puder,  
 Pode procurar o médico  
 Suceda o que Deus quiser.

Oswaldo ao doutor Limonta,  
 Foi como em missão de paz,  
 Fêz o pedido esquisito,  
 Ele disse: — Meu rapaz,  
 Traga a mulher hoje à noite  
 Para ver o que se faz.

Rosário como uma rês  
 Condenada ao matadouro,  
 Entrou para o consultório,  
 No seu maior desadôro,  
 Quando viu o doutor Limonta,  
 Teve uma crise de chôro.

Albertinho que foi vendo  
 Aquela mulher chorando,  
 Sentiu que ela já não era  
 O que êle estava pensando,  
 Por isso apertou-lhe a mão  
 Dessa forma perguntando:

— Rosário, você combina  
 De todo o seu coração  
 Que seu filho seja morto,  
 Contra às leis da criação,  
 Satisfazendo a Oswaldo,  
 Responda se aceita ou não?

— Doutor Limonta, eu queria  
 Ao meu filho dar a luz,  
 Sem isso me sinto prêsa  
 Com os braços numa cruz,  
 Doutor, não mate meu filho,  
 Pelo sangue de Jesus...

— Rosário, você demonstra  
 Que tem alma e coração,  
 Como mãe, como mulher,  
 Aceita a concepção,  
 Como o fogo do batismo  
 Para a purificação...

A sua atitude firme,  
 Agora gostei de ver,  
 Então não seria eu  
 Quem iria cometer  
 Tal crime para evitar  
 O seu filho de nascer.

Ouvindo aquilo, Rosário  
 Sentiu no corpo um tremor,  
 Pulou, abraçou o médico,  
 Critando com todo o ardor:  
 — Doutor, doutor, o meu filho  
 Vai nascer, diga doutor?

— Se Deus quiser, vai Rosário,  
Embora contra a vontade  
De Osvaldo que não entende  
A voz da maternidade,  
Um filho dará aos dois  
A paz, a felicidade...

Porém Osvaldo gritou:  
— Essa não, Doutor Limonta!  
Albertinho o repeliu:  
— Cale-se cabeça tonta,  
Eu sei o que estou dizendo,  
É tudo por minha conta.

Pelo quadro que observo,  
Agora neste momento,  
Seu pai pode perdô-lo  
E aceitar o casamento  
De vocês dois acabando  
Com todo êsse sofrimento.

Para tratar dêsse assunto  
Vou ser o intermediário,  
Garanto com fé em Deus  
Que o grande milionário  
Seu pai, Dom Alfredo, aceita  
Você casar com Rosário.

Osvaldo disse: — Seria  
A maior felicidade,  
Rosário atalhou dizendo:  
— Doutor, por sua bondade,  
Deixe que eu beije os seus pés,  
Pagando essa caridade!...

— Não, Rosário, Deus me livre,  
Eu não sou tão presumido,  
Vá com Osvaldo e aguarde  
Que no momento devido,  
No menor tempo possível,  
Tudo será resolvido.

Com isso Osvaldo e Rosário,  
Repletos de confiança,  
Sairam e o doutor Limonta  
Foi, levando na lembrança,  
A Dom Alfredo Martins,  
Uma estrêla de esperança.

Contou tudo a Dom Alfredo,  
Pedindo que concedesse  
Os meios com que Osvaldo  
O seu caso resolvesse,  
Se casando com Rosário  
E o seu filho em paz nascesse.

Porém o milionário  
Tentou abrir uma luta,  
Dizendo: — Eu jamais  
[consinto,  
Prefiro beber cicuta  
A ver meu filho esposar  
Uma reles prostituta!...

De chôfre, Albertinho disse:  
— Porém nela existe um feto  
Que é o filho do seu filho,  
Em carne e sangue é seu neto,  
Que por lei de humanidade  
Tem direito ao mesmo teto.

A mulher se purifica  
Pelas chamas da paixão,  
No seio maternal abre  
As portas do coração,  
Para com a própria vida  
Dar luz a mais um cristão.

O senhor deixe êsse orgulho  
Dessa vã sociedade  
Salve o seu filho que quer  
Trazer-lhe a tranqüilidade,  
Voltando para os seus braços  
Cheio de felicidade!

Dom Alfredo que calado  
 Estava desde o momento  
 Que ouviu falar no neto  
 Disse: — Aceito o casamento,  
 Como um vento do destino  
 Soprando o meu sofrimento.

Pode ir buscar o meu filho  
 A quem quero perdoar,  
 Doutor Limonta saiu  
 Para em minutos voltar  
 Trazendo Osvaldo Martins  
 Para o seu pai abraçar.

Entre promessas e lágrimas,  
 Coroando o sofrimento,  
 Com pai e filho abraçados,  
 Dando o agradecimento  
 Ao doutor Limonta, foi  
 Acertado o casamento...

Enquanto isso era passado,  
 Com seu orgulho mesquinho,  
 Dom Rafael do Juncal  
 Já ia pelo caminho  
 Para ver e conhecer  
 Quem era a mãe de Albertinho.

Ao sair de casa disse,  
 Com o seu semblante sério:  
 — Eu vou saber tudo agora,  
 Ou descubro esse mistério,  
 Ou vou parar no inferno,  
 No céu ou no cemitério!...

Na casa do grande médico,  
 Do automóvel desceu,  
 Pôs a mão na campainha,  
 Uma ama apareceu  
 Perguntando o que queria  
 Ele tudo esclareceu...

Foi levado a um salão  
 Onde ficou aguardando,  
 Mamãe Dolores sabendo  
 Quem estava lhe esperando,  
 Vcio pronta para a luta  
 De cabelo fumaçando...

Quando entrou na sala disse,  
 Com tôda vingança e tino:  
 — Bom dia, Dom Rafael,  
 O quanto é grande o destino,  
 O que desaja de mim,  
 Velho malvado, assassino?

Dom Rafael quando ouviu  
 Aquela voz se tremeu,  
 Quis se levantar não pôde  
 Porque a fôrça não deu,  
 Disse: — Negra dos infernos,  
 O que foi que aconteceu?

Aonde está o bastardo  
 Que em teus braços levaste,  
 O que foi feito com êle,  
 Fizeste o que me juraste,  
 Quero saber da verdade,  
 Está vivo ou o mataste?

— Está vivo e muito vivo,  
 Falou a preta ofendida:  
 — Aquêlé bastardo hoje  
 É gente muito querida,  
 Foi êle que deu o sangue  
 Para salvar sua vida.

Dom Rafael deu um pulo  
 E disse: — Não pode ser!  
 Albertinho é o menino  
 Que não devia nascer,  
 Filho de Maria Helena,  
 Diga que eu quero saber?

— É, sim, senhor, éle mesmo  
Que é o dono dêste teto,  
Filho da minha menina,  
Tem o seu sangue, é seu neto,  
Criei-o como meu filho,  
Hoje é um homem completo.

Ouvindo aquelas palavras,  
Dom Rafael deu um grito  
Dizendo: — Negra dos diabos,  
Que papel tão esquisito,  
Por que foi que não mataste  
Esse bastardo maldito!

— Negra, não, Dom Rafael,  
Tenha mais educação,  
Eu sou preta assim na côr  
Porém sou branca na ação,  
O senhor tem a pele alva  
Mas tem negro o coração.

Outra coisa, fale baixo,  
Encurte essa língua sua,  
Esta casa aqui é minha,  
Não é o "mundo da lua",  
Senão eu chamo os criados  
Mando jogá-lo na rua.

Dom Rafael nesse instante,  
Seu chapéu no chão caiu,  
Disse: — Negra apanha aí!  
Ela fez que não ouviu,  
Éle abaixou-se, apanhou-o,  
Pôs na cabeça e saiu.

No seu carro luxuoso,  
Quando em casa foi chegando,  
Dona Conceição, Ricardo,  
Com Dorinha conversando  
É pelo fim do mistério  
Todos estavam esperando.

Parando o carro, correram,  
Dentro estava o velho mau,  
Desmaiado, sem falar,  
Duro parecendo um pau,  
Com cada nervo imitando  
A corda de um berimbau.

Entre choros e lamentos,  
Foi às pressas conduzido  
Para dentro da mansão,  
Onde seria atendido,  
Sem ninguém compreender  
O que tinha acontecido.

Naquilo Isabel Cristina,  
Como uma louca correu,  
Ao telefone e chamou,  
Doutor Limonta atendeu,  
Dentro de poucos minutos,  
No solar apareceu.

Examinando o doente,  
Viu grave a situação,  
O corpo todo parado,  
Só batia o coração,  
O doutor Limonta disse:  
— Foi uma grande emoção!

Ninguém não soube explicar  
Qual o principal motivo  
Que fez o velho sofrer  
Aquêle choque emotivo  
Que ficou ouvindo e vendo,  
Sem se bolir, porém, vivo.

Prognosticou o médico  
Pelo que na hora via,  
Acreditava que o velho  
Do choque não morreria  
Mas ficava paráltico  
E nunca mais falaria.

Houve um assombro geral  
Com essa notícia horrível,  
O doutor Limonta disse:  
— Para Deus nada é  
[impossível,  
Tentarei pela ciência  
Tudo quanto fôr possível.

Albertinho disse em casa  
Tôda essa cena passada  
A sua mamãe Dolores  
Que ficou horrorizada,  
Porém nada disse ao filho  
Da visita inesperada...

Agora pedia a Deus  
Que o velho não mais falasse  
Para que nada dissesse,  
Nem seu filho advinhasse  
Aquêlé grande segredo  
Nem Sôror Helena senhasse

Porque Albertinho ia  
Apertando mais a mais,  
Queria porque queria  
Saber quem foram seus pais.  
Porque sentia o desprezo  
Dos desniveis sociais.

Dom Jorge Luís Belmonte  
De momento apareceu  
Na casa do seu amigo  
E soube o que aconteceu  
Porque Maria Dolores  
Nada do caso escondeu.

Com isso Dom Jorge disse:  
— É tempo de se dizer  
Tôda verdade a Albertinho,  
Ele precisa saber  
De tudo para que possa  
Na luta se defender.

Respondeu mamãe Dolores:  
— Nunca, Dom Jorge Luís,  
Por mim ninguém sabe nada,  
Foi uma jura que fiz.  
Quem são os pais de Albertinho  
A minha bôca não diz.

Dom Rafael paralítico  
No leito continuava,  
Tinha tôda a lucidez  
Mas só se movimentava,  
Abrindo e fechando os olhos,  
Ouvia mas não falava.

Doutor Limonta lutava,  
Atrás duma solução,  
Estudava dia e noite,  
Em busca da salvação,  
Enquanto isso Dom Ricardo  
Aumentava a confusão.

Não querendo que Albertinho,  
Naquela luta e vaivém,  
Falasse com Isabel Cristina  
Nem ela com êle também,  
Expulsou-o do palacete  
Sem consultar com ninguém.

Quando dona Conceição  
Soube do que aconteceu,  
Foi de encontro a Dom

[Ricardo

Porém êle respondeu:

— Do que fiz não me

[arrependo,

O responsável sou eu!...

Esse tal doutor Limonta,  
Não quero vê-lo jamais  
Falar com Isabel Cristina  
Por não ter dotes iguais  
A minha linhagem nobre  
Nos valores sociais.

Dona Conceição ainda  
Ponderou: — Você não pensa,  
Albertinho é o nosso médico  
E é quem conhece a doença  
Que está matando meu velho  
Na sua agonia imensa!

— Não quero reclamação,  
Por tudo quanto já fiz,  
Defendi minha filha  
Dêsse plebeu infeliz,  
Cortei, de uma vez por tôdas,  
Todo o mal pela raiz.

Ricardo no mesmo dia  
Outro doutor convidou,  
Chegando o facultativo,  
Dom Rafael estranhou,  
Albertinho ao seu redor  
Com os olhos procurou.

Por que aquela mudança?  
Desejava interrogar,  
Com os olhos faiscantes,  
Ele tentava falar,  
Fazia fôrça nas veias  
Que só faltavam estourar.

Ninguém não compreendia  
O que o seu olhar falava,  
Enquanto isso entre todos  
O sofrimento aumentava,  
Ricardo nada cedia,  
Dom Rafael piorava.

Albertinho muito triste  
Foi naquela ocasião  
A Dom Alfredo Martins  
Contou a decepção,  
Recebemos por consôlo  
A maior revelação...

Dom Alfredo lhe falou:  
— Ricardo, eu conheço êle,  
Sci como foi arranjada  
A fortuna do pai dêle  
Você nunca se compara  
A um traficante daquele!

Albertinho quase cai  
Com as palavras que ouviu:  
— Traficante, traficante!  
Dom Alfredo repetiu  
E contou como Ricardo  
A fortuna adquiriu.

Disse que Ricardo e o pai,  
Traficando entorpecentes,  
Conseguiram enriquecer  
À custa dos inocentes,  
Tirando a vida de muitos  
E deixando outros doentes.

Esse é o pai de sua noiva,  
Criminoso sem conceito,  
Devia estar na cadeia  
Por tudo quanto tem feito,  
Defenda como puder  
O seu amor, seu direito.

Enquanto Albertinho tinha  
Aquele revelação;  
Dom Rafael do Juncal,  
Na sua rica mansão,  
Fazia só com os olhos  
A maior revolução...

Porque dona Conceição  
Acreditou que o velhinho  
Com os olhos procurava  
A presença de Albertinho,  
Exigindo a sua volta  
Para não ficar sozinho.

Aflita com a suspeita  
Nesse instante perguntou:  
— Quer a volta de Albertinho.  
Diga, meu velho, escutou?  
Se você quer feche os olhos,  
Dom Rafael os fechou.

Isabel Cristina que  
Também estava juntinho,  
Saiu correndo e gritando:  
— Falou, falou, meu velhinho,  
Vovô falou com os olhos  
Dizendo: — Eu quero  
[Albertinho!]

Nisso Ricardo e Dorinha  
Indignados ficaram,  
Como feras assanhadas,  
No quarto do velho entraram,  
Souberam a história tãda  
Porém nada acreditaram.

Ricardo, o mais agitado,  
Disse imediatamente:  
— Se esse bastardo voltar  
Para incomodar a gente,  
Eu abandono esta casa,  
E, definitivamente...

Essa é a maior mentira,  
Jamais posso acreditar,  
Para saber da verdade,  
Eu mesmo vou perguntar,  
Quero ver Dom Rafael  
Com os dois olhos falar.

— Dom Rafael, me responda.  
O que lhe estou perguntando.  
Se quer que Albertinho volte.  
Feche os olhos confirmando,  
Quando findou a pergunta,  
Dom Rafael foi fechando.

Ricardo teve um espanto,  
Como quem via visagem,  
E disse: — Não pode ser  
Dorinha, arrume a bagagem  
Para sairmos daqui  
Em uma longa viagem.

Esta casa não nos cabe,  
Se voltar esse plebeu,  
Porém dona Conceição  
Ao seu genro respondeu:  
— É Dom Rafael que pede,  
Você não compreendeu?

Ricardo saiu aos gritos,  
A Dorinha autorizou  
Para arrumar a bagagem,  
Dona Conceição ficou  
E foi logo ao telefone  
A Albertinho chamou...

Isabel Cristina quando  
Viu aquela arrumação,  
Indignada pediu  
Ao pai uma explicação,  
Ricardo disse: — Se arrume,  
Faça a sua obrigação.

Porém nessa mesma hora,  
Grasiela apareceu,  
Depois de pedir ao pai,  
Isabel a recebeu,  
Não podendo ocultar nada,  
Contou-lhe o que aconteceu...

Dizendo sentir deixar  
Doente Dom Rafael,  
Possivelmente ela iria  
Morar num quarto de hotel,  
Grasiela prometeu-lhe  
A sua ajuda fiel...

— Isabel Cristina, pode  
 Contar com o meu carinho,  
 Telefone para mim  
 Que eu abrirei seu caminho,  
 Fazendo haver um encontro  
 Entre você e Albertinho.

O doutor Limonta agora  
 Dava entrada no portão,  
 Encontrou-se com Dorinha,  
 Perto do caramanchão,  
 Que o vendo torceu-lhe o rosto  
 Em lugar de saudação.

Dona Conceição na porta  
 Albertinho recebeu,  
 Depois de pedir perdão,  
 Disse como aconteceu  
 O pedido do doente  
 A quem ela obedeceu.

Ouvindo tudo Albertinho  
 Disse: — Dona Conceição,  
 Estou aqui como médico,  
 Cumprindo uma obrigação,  
 Quero ver logo o doente,  
 Não tem que pedir perdão.

Levado a Dom Rafael,  
 Quando num salão passou,  
 Foi vendo Isabel Cristina  
 Que ali por êle esperou,  
 Ambos se cumprimentaram  
 Quando a moça assim falou:

— Esperei-o para que  
 Lhe diga que os vendavais  
 Das tradições de família,  
 Dêsses senhores feudais,  
 Vão me levar desta casa  
 Obrigada por meus pais.

Porém fique na certeza  
 Que para o lugar que eu fôr,  
 Manterei vivo e aceso  
 O fogo do nosso amor  
 Dentro do meu coração  
 Que não tem outro senhor.

Nisso dona Conceição  
 Disse: — O que é isso Isabel?  
 Seus pais estão esperando,  
 Não seja assim tão cruel,  
 E disse para Albertinho:  
 — Venha atender Rafael.

Dona Conceição seguiu,  
 Albertinho obedeceu,  
 Isabel Cristina atrás  
 Dos dois ninguém percebeu,  
 Assim entraram no quarto  
 Quando o impossível se deu...

Sim, porque, quando  
[Albertinho

Perto do leito chegou,  
 Pegou as mãos do doente,  
 Dessa maneira falou:  
 — Tenha fé, Dom Rafael,  
 Outra vez, eu aqui estou...

...Para com a minha ciência  
 Conseguir uma virtude  
 Do grande Deus de Abraão,  
 A quem peço que me ajude,  
 Para devolver-lhe a fala,  
 Restituir-lhe a saúde.

Dom Rafael tudo ouvia,  
 Suas pupilas tremeram  
 Com abundância de água  
 Os dois olhos se encheram,  
 Como que dando a resposta,  
 Lágrimas quentes correram.

O grande milionário  
Nesse momento fazia  
Fôrça por todos os músculos,  
Porém o som não saia,  
Falava com o pensamento  
Mas ninguém compreendia.

Fêz um esforço tremendo,  
Chegando a dizer até:  
— “Perdão, perdão,  
[Albertinho,  
Você... é... é... é... é...”  
Não disse o resto da frase,  
Ficou somente na fé.

Pelos que estavam presentes  
Nesse instante foi ouvido,  
Dom Rafael ofegante  
Como que dando um gemido,  
Ante a surpresa de todos  
Ouviu-se um grande alarido.

Foi Isabel Cristina que  
Quando ouviu não suportou,  
Saiu correndo e gritando,  
Dizendo: — Vovô falou!  
Dando salto e repetindo,  
No quarto dos pais entrou.

Ricardo ouvindo a história,  
Aumentou mais sua ira  
— Dom Rafael rebaixar-se,  
Coisa que nunca se vira?  
Inda mais a um João-ninguém,  
Só podia ser mentira!

Tinha Albertinho saído,  
Quando Ricardo chegou  
Pedindo esclarecimento,  
Dona Conceição contou...  
Cada vez mais exaltado,  
Ele nada acreditou.

Disse: — Dom Rafael não pode  
Pedir perdão, perdoar  
A êsse infeliz plebeu  
Que não posso suportar,  
Eu não peço e nem perdôo  
Nem se o satanás mandar.

Para não vê-lo jamais,  
Desta casa eu saio agora  
Com Dorinha e minha filha,  
Está passando da hora,  
Saiu puxando a mulher  
E a filha de porta afora.

Assim Ricardo se foi  
Deixando Dom Rafael  
Só com dona Conceição  
Num sofrimento cruel,  
Passando com a família  
A residir num hotel.

Agora Ricardo ausente,  
Dona Conceição lutando  
Ao lado do seu doente  
Com Albertinho o tratando,  
Como que por um milagre  
O velho foi melhorando.

Até que Albertinho fêz  
Um teste com tanto afeto  
Que Dom Rafael ouvindo  
Fêz um esforço completo,  
Com a língua grossa, enrolada,  
Disse as palavras: — “Meu  
[neto”.

Com as palavras ouvidas,  
Houve a maior confusão:  
— Meu neto, disse Albertinho,  
Porém dona Conceição  
Dizia: — Foi minha neta,  
Nós não temos neto, não!

Dom Rafael noutro dia,  
Com o pensamento correto,  
Falou olhando Albertinho,  
O som saiu incompleto,  
Feriu dona Conceição,  
Quando disse: — “Nosso  
[neto”

Aumentava a confusão  
Porque ninguém entendia  
Aquelas palavras sôltas  
Que Dom Rafael dizia,  
Se falava com os olhos,  
Ninguém o compreendia.

Enquanto Isabel Cristina  
Do hotel telefonava  
Para dar seu enderêço,  
Com Grasiela falava,  
Acertando a entrevista  
Que a amiga já preparava.

Depois do telefonema,  
Tudo certo, Grasiela  
Combinou com Albertinho,  
Que já confiava nela,  
Para ir ver a sua noiva,  
À tarde, na casa dela.

Quando Albertinho chegou,  
Isabel Cristina estava  
Esperando e quando viu  
O seu amor que chegava,  
Ficou de pé frente a êle...  
Nem um nem outro falava.

Depois de recuperado,  
Dequela grande emoção,  
Disse Albertinho: — Querida,  
Aqui tem meu coração  
Ardendo nas labaredas  
Do fogaréu da paixão.

Foi quando Isabel Cristina,  
Saindo do seu torpor,  
Como quem acorda, disse:  
— Eu sinto êsse mesmo ardor,  
Pulsando em meu coração,  
Na festa do nosso amor.

Nisso Grasiela disse:  
— Vou deixá-los à vontade  
Para que possam falar,  
Na maior intimidade,  
Dos assuntos que desejam  
Com tôda a sinceridade.

Saindo, deixou os dois  
Já frente a frente sentados,  
Com as mãos entrelaçadas,  
Loucamente apaixonados,  
Pelos elos do destino  
Completamente ligados.

Albertinho foi sincero  
Contando como nasceu  
Em circunstâncias tão pobre  
Que nem os pais conheceu,  
Criado por uma negra  
Que até o nome lhe deu.

Ouvindo a história tôda  
Daquele quadro de dor,  
Isabel Cristina disse:  
— Nada impede o nosso amor,  
O drama da sua vida  
Aumentou mais seu valor.

Nesse momento, Albertinho  
Viou o claro de um lampejo,  
Como quando uma centelha,  
Queima o estopim do desejo,  
Com duas bôcas unidas  
Selando o primeiro beijo.

Faziam juras de amor,  
Enquanto o tempo passava,  
Ricardo de Monte Verde  
Da rua ao hotel chegava,  
Não vendo Isabel Cristina  
A Dorinha perguntava...

Ela disse: — Ainda há pouco  
Estava com Grasiela  
Aí na porta da rua  
Sentada no carro dela,  
Pode ser que haja saído  
Dando um passeio com ela.

Ricardo disse: — Dorinha,  
Já sei o que aconteceu,  
Grasiela executou  
O plano que concebeu  
Para que a nossa filha  
Fale com aquêlc plebeu.

Tudo indica, ela levou-a  
Para encontrar-se com êlc,  
Agora na casa dela,  
Vou quebrar a farsa dêlc  
Para salvar minha filha  
Dum miserável daquele.

Enquanto isso Albertinho,  
Bem satisfeito da vida,  
Com sua Isabel Cristina  
Trocava na despedida  
Jura e apertos de mãos,  
Já no portão de saída.

Agora, se despedindo,  
Avistaram um carro além,  
A môça reconhecendo  
O carro disse: — Meu bem,  
Pelo amor de Deus, se esconda,  
Corra que é papai que vem!

Albertinho respondeu:  
— Correr? Não posso correr!  
Só um covarde se esconde,  
Eu não posso me esconder,  
Vamos esperar seu pai,  
Sucedá o que suceder!

Porém naquele momento  
O automóvel parou,  
A poeira cobriu tudo,  
Quando Ricardo saltou  
Exibindo o seu orgulho  
Para os jovens caminhou.

Chegando perto falou  
Com tôda a brutalidade:  
— Quem foi, Isabel Cristina,  
Que lhe deu a autoridade  
De sair sem minha ordem,  
Sujando a sociedade?

Responda, diga quem foi  
Que lhe deu a cobertura  
Para falar com um tipo  
Sem moral, sem compostura,  
Duma classe inferior,  
Sem caráter e sem lisura?

Porém Isabel Cristina,  
Numa abertura daquela,  
Não sabia o que falar  
— Fui eu — disse Grasiela,  
Quem promoveu êsse encontro  
A culpa é minha e não dela!

Ricardo disse gritando:  
— Você errou, não fêz bem,  
Trazer minha filha para  
Falar com um João-ninguém,  
Um pobre sem tradição,  
Que na vida nada tem.

Não suportando as ofensas,  
Disse Albertinho: — Protesto  
As palavras de desprezo  
Do seu orgulhoso gesto,  
Eu tenho tudo na vida,  
Sou honrado e sou honesto!

Porque tudo que possuo,  
Apesar de ser plebeu,  
Ganhei com o meu suor,  
Com a força que Deus me deu,  
É o senhor de Monte Verde  
Pode dizer como eu?...

— Basta — respondeu Ricardo,  
A minha dignidade  
Proíbe que me rebaixe  
À inferioridade  
De discutir com um tipo  
Dessa sua qualidade!

Albertinho respondeu:  
— Eu defendo o meu valor,  
É pena de um lamaçal,  
Tão podre como o senhor,  
Sair Isabel Cristina,  
Uma perfumada flor.

Isabel Cristina disse:  
— Não fale mais Albertinho,  
Vou acompanhar papai  
Mas não lhe deixo sozinho,  
Ficarão a minha vida,  
Meu coração, meu carinho.

A moça se despedindo  
Pelo pai foi arrastada,  
O automóvel sumiu-se  
Numa curva da estrada,  
Albertinho e Grasiela  
Lamentaram a palhaçada.

Dali saiu Albertinho  
Completamente humilhado,  
Buscou Alfredo Martins  
A quem contou seu passado,  
Desde que tinha nascido  
Num cafézal afastado.

Contou todos os detalhes,  
Pelo que havia sabido,  
Dizendo que o seu pai tinha  
Sido um covarde, um bandido,  
Quando deixou sua mãe  
Antes d'êle ter nascido.

Ouvindo a história estranha  
Daquele drama passado,  
Alfredo Martins tremeu,  
Pelo fato consumado,  
Albertinho era sem dúvida  
O filho do seu pecado.

Controlou-se o mais que pôde  
Para não denunciar  
O seu sofrimento interno  
E garantiu de ajudar  
Albertinho para que  
Feliz pudesse casar.

Dizendo: — Irei hoje mesmo  
Ao pai de Isabel Cristina,  
Tratar do seu casamento,  
Pedir a mão da menina,  
Em seu nome para que  
Cumpra-se mais uma sina.

Ricardo de Monte Verde,  
O orgulho que existe nêle  
Cairá todo por terra,  
Depois que eu falar com êle,  
Deixe o assunto comigo,  
Eu quebro o império d'êle.

Albertinho penhorado,  
Agradeceu e saiu,  
Nesse mesmo dia à tarde,  
Alfredo Martins se viu  
Frente a frente com Ricardo,  
O que prometeu cumpriu.

Dom Ricardo perguntou,  
Como quem sente um perigo:  
— A que devo esta visita?  
Dom Alfredo disse: — Amigo  
É em nome de Albertinho  
Que venho falar consigo.

— Não, respondeu Ricardo,  
Não fale nesse plebeu  
Sem nome nem tradição,  
Um infeliz fariseu,  
Tipo ralé, João-ninguém,  
Não se sabe onde nasceu!

Dom Alfredo retrucou:  
— Mas eu quero falar nêlo,  
Esse plebeu é meu filho,  
Ninguém pisa a honra dêle,  
Venho pedir sua filha  
Para se casar com êle!...

Senhor Ricardo, eu conheço  
A sua história risonha,  
Desde o tempo de seu pai,  
Traficante de maconha,  
Sua honra é um lamaçal,  
Sua vida é uma vergonha!

Doutor Alberto Limonta  
É o produto de um pecado  
Feito em minha mocidade  
Porém é um môço honrado,  
Honesto, trabalhador,  
Cientista respeitado!

Enquanto êle salva vidas,  
Pelos métodos humanos,  
O senhor as destruiu  
Com entorpecentes tiranos  
Devia estar na cadeia  
Condenado a trinta anos.

Ricardo estava arrasado,  
Perante a realidade,  
Tremendo disse: — Não fale  
Mais nisso por caridade,  
Fale apenas de Albertinho  
Contando tôda a verdade!

Alfredo Martins contou  
Só o que pôde contar  
Sôbre a mãe de Albertinho  
Pedi para não falar,  
Dizendo ser um segredo,  
Não podia revelar...

Porém lembrou a proposta  
Que antes lhe tinha feito,  
Ricardo já dominado  
Disse: — Não tem outro jeito  
Sendo do gôsto de todos,  
O casamento eu accito!

Chamada Isabel Cristina,  
Dom Ricardo disse então:  
— Minha filha, Dom Alfredo,  
Veio pedir sua mão  
Para casar com seu filho,  
Responda se quer ou não!

Dorinha estava presente  
Quando a môça respondeu:  
— Não, senhor, Deus me  
[defenda,  
Meu coração escolheu  
Doutor Alberto Limonta,  
O João-ninguém, o plebeu!

Alfredo Martins sorriu  
E disse: — Isabel Cristina,  
Doutor Limonta é o meu filho,  
Orgulho da medicina,  
Uma estrêla do destino  
Que ao meu caminho ilumina.

Tremendo, Isabel Cristina  
Espantada perguntou:  
— O que foi que o senhor  
[disse?

Dom Alfredo não falou  
— A verdade, minha filha,  
Dom Ricardo confirmou.

Dadas as explicações,  
A môça muito contente  
Perguntou: — E o meu  
[noivado,

Diga, papai, se consente?  
— Tanto eu como Dorinha,  
Consentimos plenamente.

Isabel Cristina agora,  
Pelo pai autorizada,  
Foi com Alfredo Martins  
Como num conto de fada,  
Para abraçar Albertinho  
Pela vitória alcançada.

Lá chegados, Albertinho  
Os recebeu num salão,  
Isabel Cristina disse:  
— Meu amor, meu coração,  
Entre nós, pelos meus pais,  
Não há mais oposição.

Albertinho ficou tonto  
Não crendo o que tinha ouvido,  
Porém a môça lhe disse  
O que havia acontecido,  
Entre o pai e Dom Alfredo,  
Como ficou resolvido.

Ainda disse Isabel:  
— Quem pediu a minha mão  
Foi seu verdadeiro pai  
Que lhe vem pedir perdão,  
Por nossa felicidade,  
Diga se perdoa ou não!

Fastando Albertinho disse:  
— Não posso me conformar,  
Dom Alfredo ser meu pai?  
Jamais posso acreditar,  
E se fôr é um bandido  
Que não posso perdoar.

Eu não reconheço um pai  
Que tanto me fêz sofrer,  
Fugindo como um covarde,  
Muito antes de eu nascer,  
Não merece ter perdão  
Quem não cumpre o seu dever.

Porém Isabel Cristina  
Com jeito, amor e carinho,  
Intercedeu entre os dois  
E conseguiu de Albertinho  
Perdão para Dom Alfredo  
Daquele crime mesquinho.

Depois Albertinho disse:  
— Dom Alfredo se decida,  
Como pai ou como amigo,  
Aclare mais minha vida,  
Diga quem é, onde vive,  
A minha mamãe querida?

Dom Alfredo respondeu:  
— Meu filho, êsse grande  
[enrêdo  
É um segredo de família  
Que de falar tenho medo  
Porque já não me compete  
Revelar êsse segredo...

Mas para legalizar  
A sua situação,  
Vou falar com sua mãe,  
Lhe oferecer minha mão  
De espôso para que  
Possa ter o seu perdão.

Só direi alguma coisa  
Depois que falar com ela,  
Porque o grande segrêdo  
Vive sepultado nela,  
Nada posso revelar  
Sem consentimento dela.

Nesse momento Albertinho,  
Os dois na sala deixou,  
Foi à Maria Dolores  
Tudo que soube contou,  
A preta ouvindo a história  
Com a emoção desmaiou.

O môleo vendo o perigo,  
Recorreu à medicina,  
Para ajudá-lo chamou  
A linda Isabel Cristina,  
Maria Dolores tornou  
Sôbre os braços da menina.

Perguntou abrindo os olhos:  
— O que foi que aconteceu,  
Esta môça é uma santa?  
— Não senhora — respondeu  
Albertinho — é minha noiva  
Que ao meu chamado acorreu.

Isabel Cristina disse:  
— Seu filho não está sôzinho,  
O que tem mamãe Dolores?  
Aqui estou com Albertinho  
Reparta também comigo  
Um pouco do seu carinho.

— Não tenho nada, menina,  
Não sinto frio nem calor,  
Você amando Albertinho  
Também tem o meu amor,  
Porque por meu filho eu mato  
E morro e não sinto a dor.

Depois que Isabel Cristina  
Aquela casa deixou,  
Seguida por Dom Alfredo,  
O telefone tocou,  
Do palácio dos Juncal  
Dona Conceição chamou.

É que nesse mesmo dia  
Lá Dorinha tinha ido  
Para falar de Albertinho  
Pelo que havia sabido,  
Maria Helena presente  
Ouviu êsse acontecido.

Dorinha estava falando,  
Quando Sôror Helena ouviu  
Falar na Negra Dolores,  
Uma suspeita sentiu,  
No seu coração de mãe,  
Deu um desmaio e caiu.

Ela suspeitou que o médico  
Era o seu filho querido,  
Diante daquela dúvida,  
Seu corpo tombou ferido,  
Assim foi levado ao leito,  
Inerte, desfalecido...

Albertinho a tôda pressa  
Que foi chamado chegou,  
Sabendo o que aconteceu,  
A docnte examinou,  
Passando os medicamentos  
Que a ciência receitou.

Albertinho olhando a freira,  
Sentiu tanta emoção, tanta,  
Que lhe chegaram as lágrimas  
E um apêto na garganta,  
Uma sensação tão grande  
Como que via uma santa.

Sob os efeitos da febre,  
Sóror Helena delirou,  
Disse: — Maria Dolores,  
Por que não me procurou,  
Meu filho, onde está meu filho?  
Novamente desmaiou.

Albertinho ouvindo disse:  
— Ouviu, dona Conceição,  
Falou em mamãe Dolores,  
A senhora ouviu ou não?  
— Ouvi, meu filho, ela está  
Fora de toda a razão.

Doutor Limonta surpreso  
Essa desculpa aceitou,  
Sóror Helena pouco a pouco  
Da sonolência acordou,  
O que houve e onde estava,  
Voltando a si perguntou.

Dona Conceição lhe disse,  
Do jeito que lhe convinha,  
O que havia acontecido  
Na conversa de Dorinha,  
Também das suas suspeitas  
Que sobre Albertinho tinha.

Agora Maria Helena,  
Voltando à normalidade,  
Disse: — Mamãe, eu preciso  
Saber a realidade  
Sobre o fim dado a meu filho,  
Quem me dirá a verdade?

— Eu nada sei, minha filha,  
Que lhe aplaque os dissabores,  
Só se Rafael souber  
Que já falou com Dolores,  
Vamos saber se ele pode  
Aliviar nossas dores.

Dom Rafael já falava,  
Com muita dificuldade,  
Maria Helena chegando  
Lhe pediu por caridade  
Que falasse do seu filho  
O que soubesse, a verdade!

O velho disse chorando:  
— Perdoai-me Maria Helena,  
Sou o maior criminoso  
Pagando uma dura pena,  
Pois ninguém pode fugir  
Quando uma culpa condena!

Doutor Alberto Limonta  
É o seu filho querido,  
A quem eu mandei matar  
Logo depois de nascido,  
Porém ele não morreu  
Porque Jesus foi servido...

Primeiro eu paguei a Bruno  
Para matar a criança,  
Porém a negra Dolores  
Impediu minha vingança,  
Tomando o menino antes  
Dêle fazer a matança!

Depois eu paguei a negra,  
Com meu instinto assassino,  
Porém ela me enganou  
Fugindo com o menino  
Para que eu pague hoje  
Na cadeia do destino...

Por duas vêzes salvou  
Minha vida do perigo,  
Quando me deu o seu sangue,  
Como um verdadeiro amigo,  
E agora com a ciência  
Abrandando o meu castigo...

O destino é implacável,  
Nunca perdoa ninguém,  
Escarrrou no meu orgulho,  
Mostrou o poder que tem,  
Fêz com que eu recebesse  
Em paga do mal, o bem...

Maria Helena chorando,  
Ouviu o seu pai falar,  
Não mais suportando disse:  
— Eu não posso acreditar  
Que o senhor seja tão mau  
Que pague para matar...

— Minha filha, me perdoe,  
Acredite, é a verdade,  
Eu tentei matar meu neto,  
Cego pela vaidade,  
Levado pelo orgulho  
Dessa vã sociedade!

Nisso chegou Albertinho,  
A conversa foi mudada,  
O rapaz ficou contente  
Vendo a freira levantada,  
Quando ela disse sorrindo:  
— Já estou recuperada.

Albertinho perguntou  
A Dom Rafael deitado  
Como ia e o velho disse:  
— Estou muito melhorado,  
O môço saiu do quarto  
Pela freira acompanhado.

Sóror Helena conversando  
Pensou em lhe dar um beijo  
Porém se conteve e disse,  
Aproveitando o ensejo:  
— Meu filho, na sua vida,  
Qual é o seu maior desejo?

Albertinho respondeu:  
— No momento, é conhecer  
A minha verdadeira mãe,  
É só o que quero saber,  
Tem muita gente que sabe  
Mas ninguém quer me dizer.

Nisso Sóror Helena disse:  
— Amanhã vou de primeira  
À sua mãe adotiva,  
Com o meu respeito de freira,  
Ela me dirá quem é  
A sua mãe verdadeira.

Com a promessa Albertinho  
Teve a maior alegria,  
Em casa disse a Dolores  
Que Sóror Helena viria  
Lhe fazer uma visita  
Na manhã do outro dia.

Maria Dolores teve  
Um choque de fazer pena  
E chorando muito disse:  
— Não quero ver Sóror Helena,  
Dom Jorge estava presente  
Assistiu àquela cena.

Nesse momento Albertinho,  
Para atender um cliente,  
Deixou os dois e saiu...  
E Dom Jorge incontinenti  
Fêz com Maria Dolores  
Um plano conveniente.

No outro dia Dom Jorge  
 Numa sala ficaria  
 Escondido e Sórora Helena  
 Sem suspeitar entraria  
 E, só depois da conversa,  
 Êle se apresentaria...

Tinha Albertinho saído  
 Quando a freira appareceu,  
 Dom Jorge estava escondido,  
 Dolores a recebeu  
 Chorando e pediu perdão,  
 Maria Helena tremeu:

— Diga, Maria Dolores,  
 Meu filho, o que é feito dêle,  
 Por que carregou-o de mim,  
 Em um momento daquele?  
 Você roubou-o porque  
 Queria ficar com êle...

Por que não me deu notícia?  
 Por que não foi mais humana?  
 Sabendo aonde eu estava  
 Numa agonia tirana,  
 Você foi má, foi perversa,  
 Uma ladra desumana!

Roubou meu filho e escondeu  
 Negando a fazer-me o bem,  
 Queria ser dona dêle,  
 Fugindo de mim porém  
 Albertinho agora é meu,  
 É meu e de mais ninguém.

— Não, não menina Helena,  
 Não roubei seu filho, não!  
 Eu fugi com o menino  
 Para dar-lhe a salvação,  
 Pois Dom Rafael queria  
 Matá-lo sem compaixão.

Primeiro pagou a Bruno  
 Para fazer a matança,  
 Eu vendo corri atrás  
 E tomci dêle a criança,  
 Evitando que seu pai  
 Fizesse aquela vingança.

Foi quando Dom Rafael,  
 Com o seu orgulho assassino,  
 Deu-me três mil pesos para  
 Que eu matasse o menino,  
 Accitei porque queria  
 Salvar o seu pequenino.

Enganei Dom Rafael  
 E fugi para salvá-lo,  
 Jurei guardar o segredo  
 Para o avô não achá-lo,  
 Porque temia que o velho  
 Inda quisesse matá-lo.

Dei-lhe tudo quanto tinha,  
 Alma, vida e coração,  
 Fiz dêle o homem que é,  
 Dei-lhe tôda a educação,  
 Sofri as maiores dores  
 Mas não lhe faltou o pão.

Ainda, dei-lhe o meu nome,  
 Perante à lei do país,  
 Quando o avô quis matá-lo  
 Com o seu orgulho infeliz,  
 Mãe é quem salva uma vida,  
 Mãe é quem faz o que eu fiz.

Você quer tomá-lo agora  
 Dizendo que o filho é seu,  
 Hoje êle estaria morto  
 Pelo avô se não fôsse eu,  
 Assim, você deu-lhe a luz  
 Mas êle é mais filho meu.

Agora Maria Helena  
Ouvindo a ponderação  
Viu que a negra estava certa  
E disse com o coração:  
— Perdão, Maria Dolores,  
Você tem tóda a razão.

Quase que eu era traída  
Pelo orgulho mesquinho,  
Apenas eu quero agora  
Ser também mãe de Albertinho,  
Que sejamos duas mães  
Dando-lhe o nosso carinho.

— Muito bem, menina Helena,  
Era isso o que eu queria  
Que você compreendesse  
Que eu só fiz o que devia,  
Nisso as duas se abraçaram  
Transbordadas de alegria.

Nesse momento Dom Jorge  
No salão apareceu  
Dando boa tarde disse:  
— Maria Helena, sou eu  
Que venho lhe oferecer  
Um amor que não morreu.

Cumprí a minha promessa  
Feita com muito carinho  
Que se algum dia o seu filho  
Cruzasse no meu caminho,  
Eu serviria de pai  
E fui o pai de Albertinho.

Você já deve saber  
Tudo quanto eu fiz com êle,  
Case-se comigo agora  
Para que tenhamos nêle  
O nosso filho e sejamos  
Os verdadeiros pais dêle.

Sóror Helena recuou,  
Disse: — Não, Jorge Luís,  
É falsidade, é mentira,  
Tudo quanto você diz,  
Porque fugiu da verdade,  
Não me quis fazer feliz.

Você podia ter salvo  
A minha felicidade  
Mas fugiu como um covarde  
Quando lhe disse a verdade,  
Confessando o meu pecado,  
A minha maternidade...

Naquela altura eu o amava  
Com todo o meu coração,  
Sendo pela vez primeira,  
Fui fiel na confissão,  
Pensava que fôsse amada  
E tivesse o seu perdão.

O que foi que fez você,  
Naquele triste momento?  
Correu e deixou-me entregue  
Ao meu cruel sofrimento,  
Trinta anos de martírio,  
Lágrima, dor e tormento.

O nosso amor não existe,  
Passou como um suicida,  
Porque morreu afogado  
No mar revólto da vida,  
Agora é tarde demais,  
Tóda insistência é perdida.

Com essas explicações,  
Se dizendo agradecida,  
Sóror Helena despediu-se,  
Saindo logo em seguida,  
Deixou Dom Jorge Luís  
Sem esperança na vida.

Enquanto isso Dorinha,  
Ricardo e Dom Rafael,  
Com mais dona Conceição,  
Teciam a trama cruel  
Para que Maria Helena  
Bebesse fel e mais fel...

Porque queriam que ela,  
Contra os seus dotes morais,  
Casasse com Dom Alfredo  
Pelas leis dos tribunais,  
Para que Albertinho usasse  
O nome ilustre dos pais.

Alfredo Martins também  
Tinha o mesmo pensamento,  
Por isso no outro dia,  
Sem nenhum acanhamento,  
Pedi a Dom Rafael  
Sóror Helena em casamento.

O pedido foi aceito  
Pela família Juncal,  
Sóror Helena foi chamada  
A um salão especial  
Para que desse a Alfredo  
Uma decisão final.

Sóror Helena quando soube  
Daquele acontecimento,  
Disse que não aceitava  
Esse infeliz casamento  
Com quem tinha há trinta anos  
Começado o seu tormento.

Mas forçada pelo pai  
E a mãe, dona Conceição,  
Em defesa do seu filho,  
Entrou no grande salão,  
Dom Alfredo levantou-se  
Com vênias pediu perdão.

— Maria Helena, perdoo  
O meu crime, o meu pecado,  
Hoje venho oferecer-lhe  
O que neguei no passado  
Para que Albertinho tenha  
Um nome limpo e honrado.

Como sabe, o nosso filho  
É um cientista que cobre  
O país com a sua fama  
Porém usa um nome pobre  
Que lhe foi dado de esmola  
Quando tem um nome nobre.

Usa o nome de uma negra  
O que não usará mais  
Porque por direito tem  
O nome honrado dos pais,  
Um troféu para exhibir  
Nos banquetes sociais!

Por isso é que estou aqui  
Implorando o seu perdão,  
Pego que case comigo,  
Tenha de mim compaixão,  
Em nome do nosso filho  
Aceite a nossa união...

Bem sei que fui criminoso  
Fugindo como um covarde  
Mas por isso ainda hoje  
Minha consciência arde,  
Venho devolver-lhe a honra  
Embora que seja tarde.

Maria Helena escutava,  
Já sem poder se conter,  
Disse: — É grande o seu  
[cinismo,  
Querendo me devolver  
O que miseravelmente  
Não temeu de corromper.

Você fala em "nosso filho"  
Em honra e pede perdão,  
Filho a quem negou a vida,  
Honra que não tem na mão,  
Perdão que já não merece  
Por falta de compaixão.

Você deve estar lembrado  
O que me mandou fazer  
Para matar êsse filho  
Que agora quer defender,  
Quando há anos negou dêle  
O direito de nascer.

Hoje, oferecer-lhe o nome  
Com cara de santo vem,  
Quando êle já não precisa  
Mais de nome de ninguém  
Porque firmou seu conceito  
Amando e fazendo o bem.

Agora, Alfredo, responda:  
— E se êle fôsse um ladrão,  
Condenado a trinta anos,  
No fundo de uma prisão,  
Você lhe oferecia  
O seu nome e o seu brasão?

Alfredo não respondeu,  
Fugindo mudou a vista  
Sóror Helena disse: — Não,  
Você é um egoísta  
Que só quer seu filho agora  
Porque é um cientista.

Nisso Alfredo Martins disse:  
— Eu tenho uma solução,  
É para que o nosso filho  
Dê a sua opinião,  
Se nós devemos casar,  
Aceita a proposta ou não?

Sóror Helena disse: — Aceito  
Mais essa temeridade,  
Desde que Albertinho ache  
Que haja necessidade,  
Por meu filho eu faço tudo  
Que lhe dê felicidade.

Que Albertinho opinaria,  
Assim ficou acertado,  
Levaram a Dom Rafael  
Êsse plano combinado,  
Doutor Limonta em visita  
Chegou sem ser esperado.

Enquanto Alfredo Martins  
Esperava a decisão,  
No quarto do velho enfermo,  
Sóror Helena no salão  
Falava com Albertinho  
Abrindo o seu coração.

Depois de pedir perdão  
Buscando a melhor maneira,  
Sóror Helena revelou  
Que, apesar de ser freira,  
Era do doutor Limonta  
A sua mãe verdadeira.

Perante à Isabel Cristina,  
Num rosário de emoções,  
Abraços, beijos e lágrimas  
Uniram dois corações  
Que viveram muitos anos  
Num drama de comoções.

Albertinho sufocado,  
Com tôda emotividade,  
Dizia abraçado à mãe:  
— Rasgou-se o véu da verdade,  
Achei o prazer da vida,  
O amor e a felicidade.

Transbordando de alegria,  
Os três deixaram o salão,  
Chegando ao quarto do velho,  
Acharam a reunião,  
Onde todos esperavam  
De Albertinho a decisão.

Perguntaram a Albertinho,  
Perante a realidade,  
Se êle achava necessário  
A sua felicidade,  
O casamento dos pais  
Na voz da sociedade.

Porque para o jovem médico,  
Com a união conjugal,  
Morria o doutor Limonta,  
Na transformação legal,  
Para nascer o fidalgo  
Alberto Martins Juncal.

Ouvindo as explicações  
Das exigências legais,  
Albertinho respondeu:  
— Isso são coisas banais  
E nem eu posso mandar  
Na vontade de meus pais.

É uma questão muito íntima  
Que pertence só a êles,  
A minha felicidade  
Não está no nome dêles  
Porém, sim, na confiança  
Que eu deposito nêles.

Jamais mudarei de nome  
Porque não me fica bem,  
Doutor Alberto Limonta  
É um cientista que tem  
Seu valor sem ter usado  
Nunca o nome de ninguém.

Sóror Helena bateu palmas,  
Cheia de satisfação,  
Dizendo: — Muito obrigada,  
Filho do meu coração,  
Você salvou sua mãe  
Da maior condenação.

Porém todos protestaram  
Porque a sociedade  
Seria escandalizada  
Quando soubesse a verdade  
Que ela havia tido um filho  
Segundo a maternidade.

Sóror Helena respondeu:  
— Ninguém precisa ter medo,  
Eu tenho uma solução  
Para acabar o enrêdo:  
— Ficarâ tudo entre nós  
Dentro do mesmo segrêdo.

A proposta foi aceita  
Sem nenhuma desavença,  
Agora Dom Rafael,  
Já quase bom da doença,  
Pensava dar à Dolores  
Uma boa recompensa.

Assim mandou Sórora Helena  
 É a sua neta querida  
 Investigarem Dolores  
 Sem que fôsse prevenida  
 Para que ela dissesse  
 Seu maior sonho na vida.

Quando a negra as recebeu  
 Tinha o semblante risonho,  
 Disse: — Entrem minhas  
 [filhas]  
 Porque agora eu supponho  
 Que será realizado  
 O meu verdadeiro sonho.

Vejam bem, eu comprei hoje,  
 Aproveitando o ensejo,  
 Um pedaço de bilhete  
 Porque o que mais almejo  
 É ter um pequeno sítio  
 Para matar meu desejo.

Uma casinha no centro,  
 Tôda pintada de azul,  
 Por um jardim rodeada,  
 Cercando de Norte a Sul,  
 Onde haja muitas flôres  
 E água como um paul.

Muitas fruteiras e árvores,  
 Balanços ornamentando  
 Para os filhos de Albertinho,  
 Quando lá me visitando,  
 Brincarem à sua vontade  
 Correndo e se balançando.

Dom Rafael quando soube  
 Mandou chamar o seu neto  
 Para lhe participar  
 O alviçareiro projeto,  
 Foi a execução da obra  
 Confiada a um arquiteto.

Quando tudo estava pronto,  
 Dolores foi convidada  
 Por Albertinho a um passeio,  
 Sendo mais acompanhada  
 Pelas duas "detetives"  
 Mas não lhe disseram nada.

Todos conversaram alegres,  
 Enquanto o carro corria,  
 Dolores como num sonho  
 Olhava o campo e sorria,  
 Quando teve uma surprêsa,  
 Sem crer naquilo que via.

Lá estava em sua vista  
 Tudo que havia sonhado,  
 O sítio, a casinha azul,  
 Disse Albertinho animado:  
 --- Eis aqui, mamãe Dolores,  
 Seu sonho realizado.

Os pais de Isabel Cristina,  
 Esperavam no local,  
 Deram à Maria Dolores  
 A escritura legal  
 Do sítio como presente  
 Dos senhores do Juncal.

Dolores agradeceu  
Aos seus novos benfeitores,  
Fêz todos se ajoelharem  
Perante à Virgem das Dores.  
Numa prece agradecendo  
À madre dos pecadores.

Já com Maria Dolores  
Em sua propriedade,  
Na fidalguia havanesa  
Houve a maior novidade  
Balançando os pedestais  
Da nobre sociedade.

Doutor Alberto Limonta  
E a princesa dos Juncaal,  
Sob uma chuva de flôres,  
Entraram na Catedral  
Aonde foi dado o laço  
Do nó matrimonial.

Agora, todos felizes,  
Cessaram tôdas as dores,  
O destino não mediu  
Prazeres nem dissabores,  
Fêz que o orgulho caísse  
Aos pés da negra Dolores.

Alberto Limonta foi  
Levado pelo seu tino,  
Maria Helena sofreu  
Entre as grades do destino,  
Isabel foi quem venceu  
Dom Rafael recebeu  
A punição do Divino.



**Um mestre para os enamorados:**

# **Secretário do Amor**

Moderno e completo

Atualizado e atraente

Realmente útil

Fórmulas de cartas para todos os períodos do namoro e do noivado.



Peça a seu vendedor ou à EDITORA PRELÚDIO LTDA.

Rua Ipanema, 772 — SÃO PAULO-6

**Seleções de**

# **CARTAS DE AMOR**

Apresentando uma nova série de famosos "scripts" das "Cartas de amor", de Fred Jorge, tão apreciadas quando de suas transmissões pela Rádio São Paulo.

Inspirado!... Aerno!... Arrebatador!



Peça a seu vendedor ou à EDITORA PRELÚDIO LTDA.

Rua Ipanema, 772 — SÃO PAULO-6

4999



RUA IPANEMA, 772 — FONE: 92-7613  
SAO PAULO-6

Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

5NB